



Bruna Mariana Pereira dos Santos

A ARTE XÁVEGA EM ESPINHO: NOTAS PARA A COMPREENSÃO DA ARTE XÁVEGA COMO PATRIMÓNIO IMATERIAL

Relatório de Estágio em História da Arte, Património e Turismo Cultural, orientada pelo Doutor Paulo Nossa e pela Doutora Luísa Trindade, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2015



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

**A ARTE XÁVEGA EM ESPINHO:
NOTAS PARA A COMPREENSÃO DA
ARTE XÁVEGA COMO PATRIMÓNIO
IMATERIAL**

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de estágio
Título	A ARTE XÁVEGA EM ESPINHO NOTAS PARA A COMPREENSÃO DA ARTE XÁVEGA COMO PATRIMÓNIO IMATERIAL
Autor/a	Bruna Mariana Pereira dos Santos
Orientador/a	Paulo Nossa e Luísa Trindade
Júri	Presidente: Doutora Maria de Lurdes Craveiro Vogais: 1. Doutora Claudete Moreira 2. Doutor Paulo Nossa
Identificação do Curso	Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural
Área científica	História da Arte
Data da defesa	1-10-2015
Classificação	14 valores



Sumário

Este trabalho pretende mostrar a importância da *Arte Xávega* no concelho de Espinho; as suas raízes e a sua importância para a identidade de um determinado povoado. Pretende também, mostrar o seu valor como património imaterial, e o porquê da sua salvaguarda e conservação. Como tal, a *Xávega* é um bem patrimonial que deveria estar inserido na lista de património cultural imaterial.

Palavras-chave: *Arte Xávega*, Espinho, património cultural imaterial, identidade.

Abstract

The goal of this work is to show the importance of the *Arte Xávega* in the region of Espinho; its roots and its importance for the identity of a certain group of people. The work intends also to show the value of intangible heritage and the purpose of its safeguard and conservation. As such, the *Xávega* is an heritage asset that should be inserted on the intangible cultural heritage list.

Key-word: *Arte Xávega*; Espinho; intangible cultural heritage; identity

Índice

Introdução.....	6
Capítulo I.....	9
1. Descrição da Arte.....	9
2. Introdução Histórica da <i>Arte Xávega</i> em Portugal	10
3. Comunidades Piscatórias	16
3.1. Os pescadores	16
3.2. A família e a Casa	18
3.3. Vestuário	21
4.2. Redes.....	30
4.3.Os Armazéns.....	31
4.4.A Comercialização	32
5. Quadro legal da <i>Arte com Xávega</i>	32
Capitulo II.....	37
1. Caracterização do concelho de Espinho	37
1.1. População Residente	38
1.2. Estrutura Etária	39
1.3. Atividades Económicas.....	40
1.4. Atividades Relacionadas com o Setor Primário	41
2. A <i>Arte Xávega</i> em Espinho: O passado e o Presente.....	42
2.1. Toponímia.....	42
2.2. Breve Historia do Surgimento do Povoado de Espinho	42
2.3. Estância Balnear	44
2.4. A Colónia Piscatória/ <i>Arte Xávega</i> em Espinho.....	45

2.5. A Fábrica de Conservas Brandão Gomes	47
2.6. Os Vareiros e as Varinas de Espinho	50
2.7. Passagem dos Palheiros para Blocos.....	52
2.8. Santos Padroeiros dos Pescadores Em Espinho.....	53
2.9. <i>Arte Xávega</i> em Espinho na atualidade	56
Capítulo III	59
1. Património Cultural Imaterial: PCI	59
2. Identidade Cultural	60
2.1. Valor de uso e valor simbólico	62
3. Arte xávega e o Turismo	62
4. Estágio.....	64
Conclusão.....	65
Bibliografia	67
ANEXOS	72

Introdução

A pesca é umas das mais antigas e importantes atividades do mundo, apesar de os recursos marinhos serem renováveis, não duram para sempre, por isso é necessário administra-los de forma sustentável.¹

Portugal, devido à sua longa extensão de costa, é um país com boas características para a prática da pesca, e por este motivo, esta é praticada por todo o litoral e tem uma importância cultural significativa sendo que alguns tipos de pescas exercidos por algumas comunidades fazem parte da própria identidade destas.

“A pesca é considerada uma das atividades mais arriscadas do mundo atendendo às condições de trabalho em que é prestada e aos riscos elevados a que diariamente todos os marítimos se encontram expostos.”²

Portugal é um dos países onde ainda existe a pesca artesanal, nomeadamente a *Arte Xávega*, estando ligada a pequenas comunidades.

Apesar de a pesca ser uma atividade pouco atrativa ainda é responsável por inúmeros postos de trabalho e é, por vezes, o único meio de subsistência de algumas famílias, sendo que hoje em dia os pescadores ligados às pescas artesanais tentam arranjar outros empregos para complementar e ajudar às despesas, visto que, neste contexto, a maioria desta atividade extrativa é praticada em regime sazonal, sendo suspensa por alguns meses devido às condições climáticas. Os pescadores saem das suas terras de origem em busca de trabalho noutras áreas.³

Este trabalho com base num estágio curricular, de 392 horas, na divisão da cultura da Câmara Municipal de Espinho, pretende abordar a *Arte Xávega*, desde o seu surgimento em Portugal até ao tempo presente e mais concretamente, como estudo de caso, a *Arte Xávega* em Espinho, a sua importância e a sua candidatura ao Inventário Nacional de Património Cultural Imaterial. Relativamente às metodologias, iniciei por uma revisão bibliográfica,

¹ ANTUNES, Mariana, *Caracterização das Pesca com Arte Xávega na Zona Costeira Adjacente ao estuário do Tejo*. Lisboa: Faculdade de Ciências Departamento de Biologia Animal, 2007, p.1.

² ALVES, Luís Diamantino, *Sinistralidade na Pesca Local na Região do Grande Porto*. Porto: Faculdade de Engenharia, 2012, p.1.

³ GASPAR, Pedro Lima; PALLA, João, *Construções Palafíticas da Bacia do Tejo- Levantamento e Diagnostico do Património Construído da Cultura da Avieira*, ponto 1.

seguida de entrevistas semiestruturada junto das companhias de *Arte Xávega* e de um levantamento de documentação fotográfica no acervo da Câmara Municipal de Espinho.

A denominação *Xávega*, deriva da palavra *Xabaka* em árabe, é o nome dado ao aparelho de arrasto, que é largado a partir do barco e depois é trazido para a costa, onde começa a ser feita a alagem. A *Xávega* é uma arte de cerco e alar para terra, isto é, uma Arte envolvente arrastante, que é executada nos litorais arenosos sempre perto da costa. Esta *Arte* já terá sido executada por quase todo o litoral português, contudo, hoje, apenas se mantem viva entre Espinho e Sesimbra, em pequenas comunidades piscatórias. Ao longo dos tempos, o número de praticantes desta pesca, diminuiu bastante, por ser uma pesca pouco compensatória a nível económico, apelidada de “pesca às cegas”, é também perigosa, pondo por vezes em risco de vida os pescadores, visto que estes homens de coragem enfrentam as grandes ondas da costa norte e centro de Portugal em pequenos barcos de madeira, mais parecidos com canoas, com uma grande proa de modo a enfrentar a ondulação. Como descreve Hélia Rodrigues a sua ida ao mar “ Passar a zona de rebentação, a cabeça do mar, foi uma vivência que me fez sentir que a *Xávega* é uma Arte de desafio, que desperta o Eu sou Capaz! Passar a crista da onda e cair no vazio do mar, nas vagas, é um tumultuo de emoções. Ver a proa alta, ainda mais alta, lembra o quão pequenos somos”.⁴

Esta também passa por algumas dificuldades a nível da legislação visto que é praticada em zonas de reprodução e crescimento de espécies, o que leva à grande captura de espécies juvenis, proibida para a comercialização, com conseqüente rejeição do pescado.⁵ Além disso, não conta com qualquer tipo de apoios nem subsídios por parte dos governos, a não ser, em algumas localidades algum apoio das autarquias locais.

Sendo a *Xávega* uma atividade que se encontra em risco devido aos perigos do mar e ao pouco rendimento, estando cada vez mais a diminuir o número de companhias existentes, a meu ver, é necessário que se tomem medidas para que esta tenha condições de se manter viva, não só por ser um meio de subsistência de várias famílias, mas também por fazer parte da identidade do nosso país, por ter uma tradição importante em algumas comunidades locais

⁴ RODRIGUES, Hélia Carla Amado, *Arte Xávega na Comunidade da Praia de Vieira de Leiria: a sua Patrimonialização*. Lisboa: Instituto Universitário, 2013, p. 1.

⁵ ANTUNES, Mariana, *Caracterização das Pesca com Arte Xávega na Zona Costeira Adjacente ao estuário do Tejo*. Lisboa: Faculdade de Ciências Departamento de Biologia Animal, 2007, p.8.

e por ser um fator passível de se transformar em atração turística. No caso de Espinho penso que esta é uma das marcas mais antigas e importantes do concelho. Por estes motivos, o objetivo do trabalho é fazer ver a importância desta atividade a nível local, na afirmação da identidade da comunidade piscatória e incentivar a preservação desta no concelho de Espinho, defendendo a sua patrimonialização, bem como mostrar as potencialidades da *Arte Xávega* como um produto passível de ser turistificado, contribuindo para o desenvolvimento turístico da região e contribuindo para o desenvolvimento local.

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

Quem quiere passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

Fernando Pessoa, *Mensagem*, 1934

Capítulo I

1. Descrição da Arte

Em geral a *Arte Xávega* é um “método de pesca que utiliza uma estrutura de rede com bolsa e grandes asas laterais que arrastam e, previamente ou em simultâneo, envolvem ou cercam.”⁶

É um tipo de pesca artesanal, muito localizada e de proporções reduzidas, em que os barcos são também de pequenas dimensões e não necessita, do uso de porto. Esta é uma pesca de cerco e alar para terra. Tal como foi mencionado, é uma *Arte* envolvente-arrastante, sendo as redes usadas para a captura de peixe, redes de arrasto, são redes caladas a partir da embarcação, manobradas para terra ou para a embarcação e usadas essencialmente para a captura de sardinha mas também da cavala, do carapau, dos sargos, da dourada, por vezes captura também espécies juvenis e cefalópodes.⁷ Estas redes pertencem à categoria *seinenets*⁸. Com estas redes é cercada uma superfície de água, esta rede é manobrada por dois cabos para ser possível a sua alagem e a condução do peixe para a boca da rede.

A rede utilizada tem a forma de saco com duas mangas ou alares. O funcionamento da *Arte* é bastante simples, sendo que quando o barco entra no mar deixa um dos cabos de alagem, de seguida a rede é largada da embarcação envolvendo uma porção do mar sendo o segundo cabo trazido para a praia, puxando assim o saco onde se encontra capturado o peixe. Quando ambos os cabos já estão na praia, puxam-se diminuindo a distância entre eles para que o peixe fique preso. De seguida é feita a alagem, antigamente feita por tração humana, depois animal e hoje por tração mecânica com tratores agrícolas.⁹ Contudo, esta *Arte* apresenta algumas limitações, como por exemplo: o facto de só poderem ser utilizadas em

⁶Direção geral dos recursos naturais, segurança e serviços marítimos. http://www.dgrm.min-agricultura.pt/xportal/xmain?xpid=dgrm&xpgid=genericPageV2&conteudoDetalhe_v2=172848

⁷ Comissão de Acompanhamento da Pesca com Arte-Xávega, *Relatório de Caracterização da Pesca com Arte-Xávega*, Direção Geral dos Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos, 2014, p. 3/4.

⁸ Comissão de Acompanhamento... p. 4. *Seinenets* (Including beach seines and boat, dcottish/danish deines) é o nome dado em inglês pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO) para classificar os tipos de redes.

⁹ Comissão de Acompanhamento... p.5.

locais com fundos arenosos e em praias que possuam condições para manobrar as embarcações.¹⁰

A Xávega, ópera perto das praias, em áreas pouco profundas e arenosas.

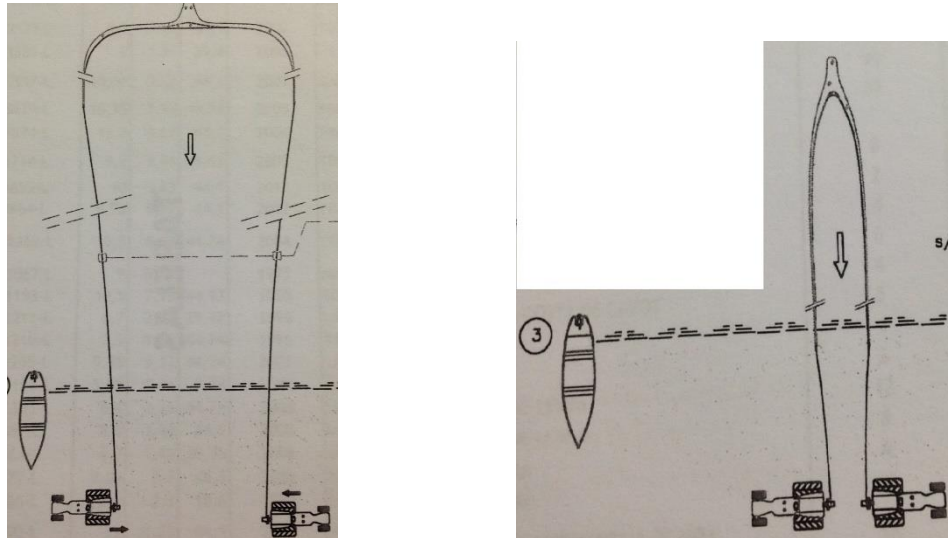


Figura 1- Esquema da deslocação do barco e utilização das redes.
Fonte: Comissão de Acompanhamento da Pesca com Arte-Xávega, *Relatório de Caracterização da Pesca com Arte-Xávega*, Direção Geral dos Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos, 2014.

2. Introdução Histórica da Arte Xávega em Portugal

A Arte Xávega também conhecida como *Arte Grande*, é um tipo de pesca tradicional existente no nosso país.¹¹ Esta pesca é diferenciada das outras por ser uma pesca de cerco e alar para terra com barcos e redes distintos.

A pesca de arrasto para terra, é uma das formas mais básicas e antigas de pesca no mar. Esta pesca foi desenvolvida no mediterrâneo desde a antiguidade clássica e pré-clássica através da utilização de embarcações com dimensões reduzidas e de redes aladas à mão. Começou por expandir-se para a Andaluzia e para o Algarve e de seguida para toda a costa

¹⁰ MARQUES, Maria João, *Arte Xávega em Portugal- Uma Arte Secular em Decadência- Organização, caracterização e Declínio*. Porto: Faculdade de Letras, 2010/2011, p. 10.

¹¹ Comissão de Acompanhamento da Pesca com Arte-Xávega, *Relatório de Caracterização da Pesca com Arte-Xávega*, Direção Geral dos Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos, 2014, p.1.

litoral de Espanha e Portugal.¹² Em Portugal, o primeiro uso destas redes foi em 1405, no Algarve. Na costa norte surgiu através dos espanhóis e franceses.

Todavia, não há um consenso sobre a época em que terá surgido. Poderá ter surgido na Idade Média por influência Islâmica, iniciando-se no sul do território. Contudo, os documentos existentes não são concretos em relação aos tipos de barcos, de redes e lances de pesca que eram utilizados.

Este modo de pesca começou por ser denominado *Xábaka*, em árabe, nome dado às redes de arrasto para terra que originou, mais tarde, as palavras *Jábega* em castelhano e *Xávega* em português. Não há certeza relativas quanto à evolução deste tipo de pesca, tanto temporal como espacial, nos séculos XVII e XVIII.¹³ Contudo, sabe-se que o *Barco-da-Xávega* Algarvio provem diretamente da *Xábaka* islâmica e da *Jábega* andaluza.

A norte e centro de Portugal, durante os séculos VII- XVIII existem várias redes de arrasto muito semelhantes às da *Xávega*, por isso não há certezas da sua origem. A estas redes, até o século XVII era dado o nome de *Chinchorros*. A partir do século XVIII, sabe-se que houve uma introdução de um novo tipo de pesca de cerco e alar para terra com um barco um pouco diferente do que era utilizado no Algarve, o *barco-de-mar*. Este barco característico da beira litoral, era bastante curvo e tinha forma *de meia-lua*.¹⁴ Como este era bastante diferente do que era utilizado a sul, pensa-se que tenha influência galega. A pesca com *barco-de-mar* com redes de alar para terra começou a ser designada pelos pescadores de *Arte*.

Foi na segunda metade do século XVIII, que no Centro e Norte se deu a expansão deste tipo de pesca, com redes de grandes dimensões e com barcos em forma de *meia-lua*.

Esta *Arte* foi-se expandindo e desenvolvendo para sul, o que originou novas povoações em praias antes desertas.¹⁵ As comunidades piscatórias eram constituídas pelos palheiros construídos pelos próprios pescadores, sempre com proximidade da população camponesa para assegurar a tração animal, pela Capela em honra dos santos a que eram devotos, e pela

¹² Comissão de Acompanhamento da Pesca com Arte-Xávega, *Relatório de Caracterização da Pesca com Arte-Xávega*, Direção Geral dos Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos, 2014, Anexo I.

¹³ Comissão de Acompanhamento... p. 1/2.

¹⁴ Comissão de Acompanhamento... Anexo I.

¹⁵ Foram originadas as povoações da Torreira, Costa Nova, Praia de Palheiros da Mira, Praia de Palheiros da Tocha, Praia de Palheiros de Quiaios, Praia de Palheiros de Buarcos, Cova e Gala, Costa de Lavos, Leirosa, Pedrogão, até Vieira e até à Nazaré. Algumas companhas estabeleceram-se a sul do Tejo e da foz do Sado com o intuito de proximidade das grandes cidades para facilitar o escoamento do produto.



Figura 2- Distribuição das companhias de artes de arrasto e Xávega em 1886/85 e 1997.
Fonte: <http://outramargem-visor.blogspot.pt>

Contudo, o facto de ser um tipo de pesca sazonal e arriscada, devido às más condições do mar, obrigando a interromper a atividade a partir de novembro levou a que os pescadores precisassem de procurar um outro tipo de pesca como meio de subsistência. Os pescadores do norte deslocavam-se para a ria de Aveiro ou para a “ria” de Montemor¹⁸ praticando assim outros tipos de pesca.

“Foi assim, globalmente, o processo de expansão marítima, para sul, das companhias e dos pescadores da “Arte” (sobretudo os oriundos de Ovar e Ílhavo), os quais, desta maneira, foram quem “descobriu” e “colonizou” os litorais do seu próprio país (no centro de Portugal) e foram quem os foi ocupando com novas povoações (...). E este tipo de expansão contínua nem

¹⁸ Era chamada ria de Montemos ao Mondego.

sequer foi algo que tenha datado somente do século XX, ou do século XIX. Este foi sempre um processo longo, progressivo, e secular- um processo verdadeiramente estrutural- na História e na Geografia de Portugal. Um processo que, sem dúvida, já estava em curso no século XVIII, quando sobretudo ficou consagrado na documentação histórica portuguesa hoje conhecida, (...) tinha mesmo, já então, em alguns aspetos, origens ainda mais antigas.”¹⁹

Embora os séculos XIX e XX tenham sido os pontos altos destas *Artes*, a prática mantém-se viva de Espinho a Sesimbra, tendo apenas extinguido no Algarve na década de 70 do século XX.

Na primeira metade do século XX, em algumas praias da costa ocidental chegaram a ser utilizadas embarcações de grande porte, totalizando 4 remos, com cerca de 42 tripulantes. Com o aumento dos barcos, que inicialmente eram puxados por homens, houve a necessidade de tração auxiliar, passando nos finais do século XIX a tração a ser feita com juntas de bois e depois no século XX, na costa ocidental norte, por tração mecânica. A tração mecânica era feita por tratores agrícolas, com aladores rotativos mecânicos e de hastes mecânicas extensíveis para ajudar na movimentação dos barcos quando se encontram em terra.

Em 1903, o Estado português e a Marinha contribuíram para a criação de uma nova designação - *A Arte-Xávega* – com vista a unir a *Arte* do norte com a *Xávega* do sul. Contudo as diferenças entres estes dois tipos de pesca continuaram a existir, tanto no arraste, como no tipo de embarcações. As redes utilizadas no sul eram mais pequenas que as utilizadas no norte de Portugal. No sul a pesca era tanto de arraste para terra como os lances poderiam ser feitos para a própria embarcação. Os barcos continuavam a ter diferenças na sua forma, sendo o do litoral norte e centro em *meia-lua* (ver figura 3 e 4), com proa mais alta que a popa fazendo um bico, o que os ajudava na movimentação no barco no mar servindo também para enfrentar e quebrar as grandes ondas do mar agitado do norte. Os barcos utilizados na *Xávega* do Algarve eram planos, sem proas ou popas alteadas, mais parecidos com canoas, visto que o mar do Algarve não é tão agitado como o do norte.

¹⁹ MARQUES, Alfredo Pinheiro, *Aspetos Históricos da Comunidade dos Pescadores da Arte-Xávega* in Comissão de Acompanhamento da Pesca com Arte-Xávega, *Relatório de Caracterização da Pesca com Arte-Xávega*, Direção Geral dos Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos, 20014.



Figura 3- Barca da Xávega.
Fonte: fotografia do arquivo do Museu Municipal de Espinho.



Figura 4- Barco de Mar
Fonte:<http://www.cm-nazare.pt>

O barco da *Arte* do norte era impressionante, parecia ter sido feito apenas para ser observada a sua geometria perfeita.

Contudo, como podemos ver no *Relatório de Caracterização da Pesca com Arte-Xávega*, não é muito correto chamar a este barco de *Barco da Xávega*, uma vez que existem diferenças. Seria mais correto continuar a chamar-lhe *Barco do Mar* ou *Barco da Arte* como antigamente era chamado.

Quanto às redes e cabos utilizados na *Arte* e as redes utilizadas na *Xávega* existem também diferenças a nível das dimensões. A grande diferença, todavia, reside nas redes do norte, onde eram utilizadas juntas de bois para as puxar para terra, prática que deu origem à expressão, “um país onde os bois lavravam o mar”, algo que nunca foi utilizado no Algarve.

3. Comunidades Piscatórias

3.1. Os pescadores

Ser pescador é encarar o perigo a toda a hora, é uma profissão para a qual é necessário ter uma grande coragem. A *Xávega* não é exceção, obrigando a uma enorme confiança num simples e frágil barco de madeira. Os homens do mar são considerados heróis que contam as suas histórias que vão passando de geração em geração. Contudo, estes homens conhecem bem os perigos que corriam, daí, a ansiedade, os ritos ligados ao perigo e às boas pescarias.²⁰

A *Xávega* é, e sempre foi uma pesca sazonal, de modo que os pescadores dedicavam-se a ela apenas temporariamente, tendo nos meses em que a *Xávega* parava outros trabalhos, como por exemplo: a agricultura (normalmente ao comando da mulher)²¹ e o trabalho nas traineiras e na faina do bacalhau que gerava melhores condições de vida às famílias.²² Esta realidade está presente até aos nossos dias.

Sabe-se, também, que estas comunidades piscatórias sempre foram muito ligadas à religião católica. Eram comunidades muito devotas a um santo a quem pediam proteção. Iam frequentemente à Igreja e tentavam sempre que possível construir uma capela perto dos locais onde habitavam em honra do santo a que eram devotos. Não eram devotos apenas aos santos da sua paróquia, veneravam vários, como por exemplo, o São Pedro, Nossa Senhora da Ajuda, São Benedito, São João Batista, entre outros. Na sua veneração pediam melhores safras e melhores dias. As mulheres recorriam muito à religião para pedir que nada acontecesse aos homens no mar. Sabe-se que há registos por parte dos pescadores e das suas famílias de práticas de coerção e humilhação dos santos. Os pescadores mantêm a sua fé conforme a sua sorte e as suas possibilidades económicas, quando isto não acontece maltratam e humilham os santos. Um exemplo em Portugal, é do apedrejamento de São José, na Póvoa de Varzim, esta prática ocorria e era executada pelas mulheres quando os maridos se

²⁰ FIDALGO, Manuel, *A Arte Xávega- O Paradigma Ecológico| Trabalho| Técnicas de Navegação| Lanço*. Lisboa: INATEL, 2005, p. 36.

²¹ MARQUES, Maria João, *Arte Xávega em Portugal- Uma Arte Secular em Decadência- Organização, caracterização e Declínio*. Porto: Faculdade de Letras, 2010/2011, p. 39.

²² MARQUES, Maria João, *Arte Xávega em Portugal...* p.40. A faina do bacalhau era o trabalho que mais rendimento dava aos pescadores. Era devido ao rendimento desta pesca que estes homens conseguiam compra casa e terreno.

encontravam em perigo. Existem ainda outros exemplos como, enterrar os santos ou vira-los para a parede. As mulheres quando aflitas atiravam pedras às capelas e maltratavam os santos. Contudo, as famílias de pescadores não faziam isto apenas quando estavam em perigo, mas também, quando não havia condições marítimas para a faina e quando as raparigas não encontravam noivos.²³

Podemos ver que os nomes normalmente dados às companhas e aos barcos estavam intimamente ligados a esta devoção. Os nomes eram normalmente de santos, mistérios da religião, nomes dos órgãos da paróquia a que pertenciam e inúmeros títulos de Nossa Senhora.

Em alto mar, quando se viam em maré difícil, os pescadores cantavam músicas ligadas á religião católica, como o Bendito, tentando assim exorcizar o perigo que corriam.²⁴

“Pode dizer-se que estes homens e mulheres são inquietos, como o mar. Parece que a alma do mar contagiou aqueles cuja vida é ganha sobre o seu dorso ativo e irascível, humilde e manso, cheio de movimento ou parecendo quase parado. O mar impeliu-os a percorrer e, às vezes a fixar-se em varias localidades marítimas ou fluviais, e a vender o produto do seu trabalho, internando-se pelo país fora.”²⁵

Os pescadores quando encontravam uma praia deserta onde pudessem pescar à vontade, começavam por dormir no areal abrigados pelos barcos, levavam alimentação que durasse toda a semana e ao domingo regressavam a casa. E assim se iam expandindo e formando novos núcleos populacionais.

Pela vida que levavam e pelo seu trabalho ser um benefício ao bem comum, os pescadores ao longo dos anos também foram tendo direito a alguns privilégios, como por exemplo: a isenção de tributos e encargos por quatro anos; estavam também isentos de descanso aos

²³ NUNES, Francisco Oneto, *O Problema do Aleatório: Da Coerção dos Santos ao Idioma da Inveja*, in *Etnografia*, Vol. II, 1999, p. 273/274.

²⁴ AMORIM, Aires de, *Da Arte Xávega de Espinho a Ovar*. Ovar: Câmara Municipal, 1999, p. 83/91.

²⁵ AMORIM, Aires de, *Da Arte Xávega de Espinho...* p.92.

domingos e dias santos, por serem uma classe pobre; eram isentos do serviço militar²⁶; entre outros. Algumas destas medidas acabaram por ser alteradas acabando com determinadas isenções, porque começou a haver inúmeras matrículas em algumas companhias, apenas para não cumprirem o recrutamento.²⁷

Já no século XXI a grande mudança na *Arte* foi a concessão de cédulas marítimas às mulheres, permitindo a ida das mulheres ao mar.²⁸

Sendo que este tipo de pesca não atrai muito os jovens por ser pouco remunerada a maioria dos pescadores da *Xávega* são reformados, que veem neste tipo de pesca um auxílio para pagar as contas. Contudo, existem praias em que a *Xávega* ainda tem uma grande importância pelo elevado número de pescadores envolvidos, estas praias são sobretudo as que se encontram compreendidas entre Espinho e Mira.²⁹

3.2. A família e a Casa

Os pescadores faziam parte da população com baixo nível socioeconómico. Isto estava presente tanto nas suas vestes como pelo desconforto das suas habitações. As casas dos pescadores ficaram essencialmente conhecidas como palheiros. Nos finais do século XVII começaram a surgir as casas de madeira denominadas Palheiros.³⁰ O primeiro povoamento de palheiros surgiu por volta de 1600 no Furadouro.

“Dá-se o nome de palheiro a uma casa de madeira tradicional portuguesa que é construída sobre estacas. As estacas tanto podem ser de madeira como podem ser pilares de pedra. Os palheiros mais recentes até já chegaram a ser erguidos sobre pilares de cimento. Apesar do nome, estes palheiros não servem para guardar palha, mas sim para habitação.”³¹

²⁶ Quando um pescador estivesse matriculado numa companhia (a matrícula era o que o vinculava à companhia), não necessitava de cumprir o serviço militar, por este motivo encontramos muitos homens menores de idade associados às companhias.

²⁷ AMORIM, Aires de, *Da Arte Xávega de Espinho a Ovar*. Ovar: Câmara Municipal, 1999, p. 110/118.

²⁸ FIDALGO, Manuel, *Arte Xávega- Sociedades | Comunidades | Famílias*. Lisboa: Fundação INATEL, 2009, p. 61.

²⁹ SOUTO, Henrique, *Comunidades de Pesca artesanal em Portugal*. Academia da Marinha, 2003, ponto 3.1.

³⁰ SILVA, Mónica; MENDONÇA, Paulo; BRANCO, Jorge, *Reabilitação de Casa Tradicionais em Madeira do Litoral Norte e Centro de Portugal*. 1º Congresso Ibero-Latino Americano de Madeira na Construção. Coimbra, 2011, p. 4.

³¹ <http://amateriadotempo.blogspot.pt/2007/04/palheiros.html>

Casas pobres, feitas de madeira, com fachadas construídas por barrotes verticais revestidos por tabuas tanto no interior como no exterior, estas tinham telhado de palha ou colmo, sendo mais tarde substituído por telha. Compunham-se, apenas, de duas ou três divisões, muitas vezes sem soalho. Estas casas eram normalmente construídas em cima de estacas para se protegerem do mar e das areias e na sua fachada encontra-se escadas de madeira que dão acesso a porta. As pranchas de madeira são colocadas na horizontal, sobrepostas umas às outras para servir de isolamento. Apesar da construção dos palheiros ser muito semelhante de local para local, esta varia um pouco consoante a localização geográfica.

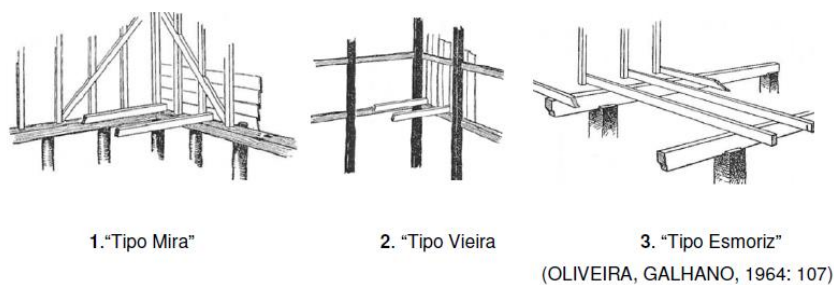


Figura 5- Tipo de Construção dos Palheiros

Fonte: CALOR, Inês Alhandra, Técnicas Construtivas da Avieiras- Tradição e Inovação no Sistema Palafítico. Arquitetos sem Fronteiras de Portugal

Pequenos e muitas vezes sem camas para todos os filhos, alguns possuíam forno mas normalmente só possuíam duas pedras para cozinhar. A sua simplicidade devia-se em grande parte ao facto de serem construídos pelos próprios pescadores por forma a poderem acolher as famílias nas praias desertas que iam sendo ocupadas em busca de melhores safras, até formarem comunidades ou bairros. Contudo, em alguns locais, como por exemplo Mira, estas casas foram evoluindo, passando a ter dois ou três andares, interligados por pequenas escadas interiores de madeira e os telhados passaram ser de telha.³² Muito semelhantes entre si, apenas com andar térreo, eram alinhadas umas ao lado das outras ainda que não necessariamente em linha reta. Esta forma aleatória de contruir as casas, alinhadas em curva e contracurva, era muitas vezes assemelhada ao mar. Estes homens contruíam as casas como o modelo marítimo, ondulante. Hoje, entre Aveiro e Nazaré é ainda comum o a existência deste palheiros. Estes palheiros são também considerados uma tradição, uma razão cultural, sendo os palheiros de pedra associados aos lavradores e os de madeira aos pescadores.

³² MARQUES, Maria João, *Arte Xávega em Portugal- Uma Arte Secular em Decadência- Organização, caracterização e Declínio*. Porto: Faculdade de Letras, 2010/2011.

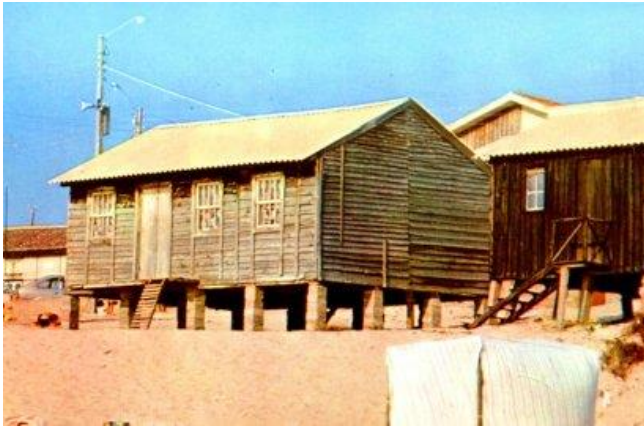


Figura 6-Palheiros
Fonte:<http://zarsoft.info/info/Repas/image/Palheiros.jpg>

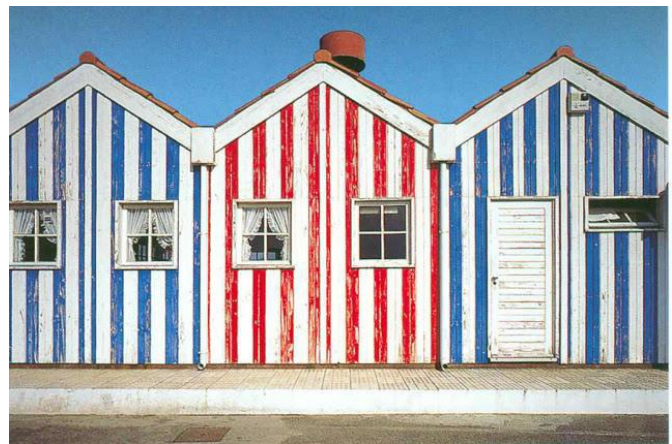


Figura 7- Palheiros de Mira
Fonte:<http://ensaiosfragmentados.com/2013/04/19/arte-fragmentada-39/>

Nestas comunidades havia também tabernas, nas quais os homens se encontravam para conviver, sendo o mar e a vida marítima o tema de conversa preferido³³. Nos dias em que os pescadores sabiam que não iriam para o mar, juntavam-se nestes locais.

Dos bairros piscatórios faziam parte, também os armazéns onde são guardados os apetrechos de pesca.

Hoje, muitos destes bairros foram reconstruídos, muitas vezes nos mesmos locais, ganhando carácter definitivo. Possuem casas com um ou dois andares e prédios onde estas famílias foram realojadas.

Os filhos inicialmente dedicavam-se à vida do mar, seguindo as pegadas do pai. A Xávega era passada de geração em geração. Inicialmente quando os filhos casavam com pessoas da comunidade, era comum construírem um palheiro para eles, próximo do palheiro dos pais da

³³ FIDALGO, Manuel, *Arte Xávega- Sociedades | Comunidades | Famílias*. Lisboa: Fundação INATEL, 2009, p.64.

noiva. Contudo, com a obrigatoriedade da escolaridade, estes passaram a ter que frequentar a escola, que muitas vezes era situada na sede dos concelhos, longe dos bairros piscatórios. Deslocavam-se em autocarros saindo de casa muito cedo e chegando só à noite.³⁴ Isto conduziu ao relacionamento com pessoas ligadas a outras atividades. Esta medida levou a que as crianças passassem a ter menos ligação com a comunidade piscatória, afastando-se cada vez mais das suas raízes. Devido ao relacionamento com pessoas de fora da comunidade, ao perigo da *Xávega* e por esta ser pouco compensatória, os filhos dos pescadores acabaram por se afastar da vida do mar e depois do casamento muitos não permanecem no bairro, indo viver para os centros urbanos. Com o aumento da escolaridade, os filhos passaram, também, a ter pouco relacionamento com os pais, visto que estes saíam de casa muito cedo para a safra e quando os filhos chegavam já estavam recolhidos para no dia seguinte voltarem a sair de madrugada.

Quanto à mulher, esta cuidava normalmente da casa, liderando toda a vida doméstica com a ajuda das filhas mais velhas. Muitas ajudavam na *Xávega*, nos trabalhos de terra e na venda do peixe. A vida social da mulher era feita em frente à casa, nas ruas e nas casas umas das outras.³⁵

Manuel Fidalgo, no seu livro de *Arte Xávega*, diz que havia três tipos de comunidades piscatórias: a primeira, mantinha uma ligação entre a povoação rural e o conjunto de palheiros de troncos feitos nas areias das praias; a segunda, seria uma povoação exclusivamente piscatória; e a terceira, a povoação exclusivamente rural em que os agricultores eram ao mesmo tempo pescadores ou agricultores/marnotos.

3.3. Vestuário

Originalmente, o vestuário do pescador, confeccionado pelas mulheres, era composto por uma camisa aos quadrados a que nos meses mais frios se juntava uma camisola de lã, e umas ceroulas de atilho, por cima das quais usava uma faixa de cor escura. O traje ficava completo com um barrete preto ou castanho. Praticamente todas as peças eram de lã, sendo

³⁴ FIDALGO, Manuel, *Arte Xávega- Sociedades | Comunidades | Famílias*. Lisboa: Fundação INATEL, 2009, p. 194.

³⁵ FIDALGO, Manuel, *Arte Xávega- Sociedades...*p. 193.

o uso do algodão muito raro, já que aquele material, mesmo quando molhado, não esfria, questão essencial no mar. Ao domingo o vestuário era diferente.

Hoje os pescadores mais jovens vestem roupas atuais como calças de ganga, só os mais velhos, por vezes, é que ainda usam este tipo de roupas.



Figura 9- Vestuário da Varina, Museu Municipal de Espinho
Fonte: Fotografia do próprio autor.

As mulheres usavam uma blusa, uma saia ou vestido rodado com um avental por cima, na cabeça usavam um lenço e por cima um chapéu, pousada no chapéu, a rodilha, como podemos observar na figura 9. No interior a mulher usava

saiotes e corpetes. Ao domingo, as roupas das mulheres eram, normalmente,

escuras. Poucas vezes usavam sapatos, andando normalmente descalças. Também o vestuário da mulher foi alterado, usam hoje as vestes que se compram nas lojas usuais, perdendo-se a tradição dos saiotes e corpetes sendo estes substituídos por peças atuais.

Os filhos usavam as ceroulas quando iam para as companhas. Estes usavam muitas vezes camisas parecidas com as dos pais, mas andavam com roupas parecidas aos outros jovens. As filhas, por seu lado, só passavam a usar avental e lenço como a mãe, quando chegavam à adolescência (ver anexo 9).³⁶



Figura 8-Vestuário do Pescador, Museu Municipal de Espinho
Fonte: Fotografia do próprio autor.

³⁶ FIDALGO, Manuel, *Arte Xávega- Sociedades/ Comunidades / Famílias*. Lisboa: Fundação INATEL, 2009, p. 214/226.

4. As Companhas

As companhas, também conhecidas por chinchorro³⁷ ou sociedade de pesca eram agrupamentos de pescadores que se organizavam sob a chefia de um governo.³⁸ Estas surgiram com a evolução da pesca artesanal e eram, mais concretamente, sociedades de capitais.

Os homens que trabalhavam nas companhas estavam divididos entre homens de mar e homens de terra, sendo os homens de mar os que levavam o barco até ao largadouro e lançavam as redes. Os de terra, como o próprio nome indica, ficavam em terra a trabalhar com os aparelhos de pesca. Cada um dos trabalhadores ocupava um cargo e recebia consoante a posição ocupada e consoante o perigo a que se sujeitava.

O arrais ou mestre era quem recebia melhor ordenado. Cada companha possuía no mínimo dois arrais, um de terra e um de mar, tendo o de terra, inicialmente de obedecer ao de mar. O arrais de mar era quem chefiava o barco e o responsável pela pesca. O arrais de terra orientava os pescadores que ficavam na praia a cuidar dos apetrechos de pesca enquanto o barco não chegasse. O arrais era o chefe a quem todos deviam respeito e obediência. Quem não cumprisse as suas ordens poderia ser expulso da companha ou penalizado com acórdãos camarários. Quem o desrespeitasse e não obedecesse em prejuízo da companha, teria de pagar uma multa de 30\$000 réis e 60 dias de prisão. O arrais era a autoridade máxima da companha, determinando os locais de pesca com os sócios.

Inicialmente a legislação, de acordo com os artigos 186º e 187º do decreto de 01-08-1884, mandava que o arrais tivesse idade superior a 21 anos e carta, sendo mais tarde alterada pela Carta de Lei de 23-08-1899, na qual a idade havia sido reduzida para 18 anos. Algumas companhas davam incentivos económicos aos arrais para que estes não migrassem no inverno tentando assim, amarra-los para que a companha não passasse pelo problema de ficar sem orientador dos trabalhos.

³⁷ Chinchorro era o nome dado uma rede de arrasto que por vezes era também utilizada na xávega.

³⁸ AMORIM, Aires de, *Da Arte Xávega de Espinho a Ovar*. Ovar: Câmara Municipal, 1999, p. 21.

Depois do arrais, o redeiro (homem de terra), era o mais bem pago, sendo o seu papel o de conceber e consertar as redes.³⁹ Um outro papel de relevo na companhia era o do procurador, competindo-lhe receber os lucros da pesca e pagar as despesas.

MAR	TERRA
Arrais	Arrais; há dois arrais de terra e o de mar
Metedor	Redeiro
Caneiro	Carpinteiro
Calador	Colhedor
Contador	Guarda
Reveseiro	Gerente
Terceiro	Atador
Segundo	Escrivão
Expiador	Calafate
Cambão	Amarrador
Proeiro	Guarda
Meião	Guarda de noite
Requinteiro	Cordas
Aos três	Madeireiro
	Redenhos
	Mandante
	Chamador
	Ajudante de arraias
	Vareiro de terra
	Vareiro de proa

Tabela 1- Lugares na Companhia.

Fonte: Amorim, Aires de, 1999, *Da Arte Xávega de Espinho a Ovar*. Ovar: Camara Municipal.

Os salários dos trabalhadores das companhias consistia, normalmente, três quartos à caldeirada⁴⁰ e um quarto ao salário. Em algumas companhias quando não se podia ir ao mar, ficavam todos a trabalhar em terra, recebendo cada pessoa meio litro de vinho, excluindo as

³⁹ AMORIM, Aires de, *Da Arte Xávega de Espinho a Ovar*. Ovar: Câmara Municipal, 1999, p. 23/24.

⁴⁰ Caldeirada ou teca era um cabaz de peixe que era dado aos pescadores com pagamento do seu trabalho.

mulheres que não bebiam. Outras davam um garrafão de vinho para todos os membros nos dias de muita safra.⁴¹

O posto de cambão foi dos primeiros a ser inventado, remontando ao século XVIII, e competindo-lhe dar as respostas mais acertadas para enfrentar o estado do mar e para defender a vida dos pescadores. O camboeiro, tinha como objetivo “ defender melhor os remadores, aumentar o tamanho da companha e fazer-se ao mar em dias de vaga mais alta, aumentando os dias de safra.”⁴²

As redes inicialmente eram tiradas do mar à mão por todos os que faziam parte da companha (mulheres, velhos e jovens) sendo um trabalho extremamente esgotante. Para facilitar essa tarefa, a corda por onde a rede era puxada passou a ter uma alça que os homens metiam ao ombro. Enquanto as redes estavam a ser puxadas, os trabalhadores, juntamente com as mulheres e crianças, distraíam-se ao som de cânticos, por entre o rufar dos tambores.

Mais tarde, a alagem da rede passou a ser feita por juntas de bois, o que não só poupava o esforço físico dos homens, como permitia às companhas alguma economia. Nesta época as companhas eram constituídas normalmente por 40 a 80 homens e 12 juntas de bois.⁴³ Esta substituição foi feita no início do século XX, o que levou à diminuição do tempo de alagem das redes, visto que as redes deixaram de ser puxadas do mar através de força humana e, conseqüentemente, ao aumento do número de lances diários. Isto também levou ao aumento das mangas e do saco das redes.⁴⁴ Esta mudança deu origem à aproximação da comunidade piscatória à comunidade rural. Quando o barco saía para o mar, os chamadores⁴⁵ iam bater às portas dos boieiros para se deslocarem para a praia com as juntas de gado. Cada companha possuía cerca de dez juntas de bois, cada uma com um custo de 600 réis por lance. Se o boieiro se atrasasse e chegasse à praia quando já estivesse a ser feita a alagem das redes, teria de pagar uma multa.

⁴¹ AMORIM, Aires de, *Da Arte Xávega de Espinho a Ovar*. Ovar: Câmara Municipal, 1999, p. 62/67.

⁴² FIDALGO, Manuel, *A Arte Xávega- O Paradigma Ecológico| Trabalho| Técnicas de Navegação| Lanço*. Lisboa: INATEL, 2005, p. 45.

⁴³ LOPES, Helena; LOPES, Paulo Nuno, *A Safra*. Lisboa: Livros Horizonte, 1995, p. 7.

⁴⁴ FIDALGO, Manuel, *A Arte Xávega- - O Paradigma Ecológico...* p. 46.

⁴⁵ Homens que iam de porta em porta avisar os donos das juntas de bois que os barcos já tinha saído para mar, de modo a que quando os barcos chegassem a terra já lá estivessem os animais para a tiragem da rede.

A motorização do barco levou à diminuição do tamanho do mesmo e só então é que o perigo desta pesca diminui um pouco.

O trabalho passou a ser facilitado e mais rápido com a introdução de tratores para a alagem das redes, o que levou ao decréscimo do número de homens na companhia.⁴⁶

Inicialmente os barcos entravam no mar à vez. O primeiro a entrar teria direito a escolher o lugar onde largaria as redes. O segundo barco só poderia entrar no mar quando o primeiro já tivesse largado as redes. Alguns barcos permaneciam na praia de um dia para o outro para de manhã terem a primazia.

Às corridas entre os barcos de várias companhias, para ver qual chegava mais rápido ao largadouro ou à praia chamava-se de recaxias. O objetivo era a escolha para o melhor lugar para o lançamento das redes e a chegada à praia em primeiro lugar para começarem a venda do peixe sem a concorrência das outras companhias. Estas competições nem sempre corriam bem, originando muitas vezes desacatos entres os pescadores.⁴⁷

“ As companhias tinham o seu *código penal*. Tudo era regulamentado pelos usos e costumes, escritura da sociedade e acórdãos camarários, para que houvesse ordem, eficiência e boa camaradagem.”⁴⁸

Todos os trabalhadores da companhia deveriam conhecer as normas e se algum falhasse era, para além da multa, preso consoante a infração cometida. Para além das penas por falta de obediência ou de respeito, os trabalhadores seriam também penalizados pelas faltas ao trabalho.

Uma outra preocupação da companhia eram os furtos do pescado, isto porque, os pescadores eram uma classe social muito pobre que por vezes passava fome, o que levava à tentação de roubar algum peixe. Contudo, a companhia defendia que não deveriam haver

⁴⁶ FIDALGO, Manuel, *A Arte Xávega- O Paradigma Ecológico| Trabalho| Técnicas de Navegação| Lanço*. Lisboa: INATEL, 2005, p. 46. A passagem da alagem da tração animal para tratores levou à diminuição do número de homens na companhia, este facto que levou a que esta Arte não desaparecesse, passando a ser familiar e sendo possível a sobrevivências de várias companhias.

⁴⁷ AMORIM, Aires de, *Da Arte Xávega de Espinho a Ovar*. Ovar: Câmara Municipal, 1999, p. 69/71.

⁴⁸ AMORIM, Aires de, *Da Arte Xávega...*p. 41.

furtos e que a safra deveria ser repartida em partes iguais, a chamada caldeirada a que os pescadores tinham direito. Quem cometesse um furto também seria sancionado.

No final do ano, a sociedade era dissolvida de acordo com as escrituras, e os membros, reuniam numa assembleia geral para tratarem das contas finas e da venda dos apetrechos. Contudo, a companha poderia continuar ativa, uma vez que a duração da existência de uma companha não era certa, podendo haver companhas de apenas alguns meses e outras com vários anos, passando de geração em geração.

As muitas alterações aqui referidas levaram a que, no decorrer dos últimos 100 anos a companha tenha reduzido significativamente o numero de homens, passando a ter apenas cerca de 12, isto deu-se essencialmente devido à tração mecânica, tornando desnecessários tantos homens para a alagem das redes mas também pelo uso de motores deixando de ser necessários tantos remadores. Uma outra mudança a que se assistiu na Xávega foi ao desaparecimento dos cargos. Hoje existem apenas dois cargos dentro das companhas, o Arrais e os Pescadores.

4.1. O Barco



Figura 10- Pau de Pontos.
Fonte: *Tecnologia da sua Construção*. Lisboa: Edições Colibri e INATEL, 2000

O barco da Xávega, é chamado de *O Xávega*, de Espinho a Vieira de Leiria, é um barco que está preparado para fazer cerca de cinco viagens por dia. Integra-se na família ou tipologia das canoas de tábuas (ver anexo 10 e 11).⁴⁹ Está preparado para ser usado no mar como para ser arrastado em terra, estando exposto ao poder corrosivo, visto que se encontra constantemente ao ar livre.⁵⁰ A construção do barco passa por um processo de dezoito fases, contudo toda a cadeia operatória do barco foi renovada aquando da sua motorização.⁵¹ A utilização dos motores nos barcos fez com que estes não necessitassem de quatro remos, passando a ter apenas dois.

⁴⁹ FIDALGO, Manuel, *O Barco da Xávega (Tecnologia da sua Construção)*. Lisboa: Edições Colibri e INATEL, 2000, p. 23.

⁵⁰ FIDALGO, Manuel, *O Barco da Xávega...* p. 19.

⁵¹ FIDALGO, Manuel, *O Barco da Xávega...*p. 21.

Inicialmente o barco da *Xávega* era composto por um conjunto de quatro remos (remo-castelo-da-proa, remo-maião, remo-proa, remo-castelo-da-ré). A tripulação destes barcos era composta por cerca de 46 homens fora o arrais, todos estes homens tinham um cargo e um nome conforme a função que lhes era atribuída.⁵² As primeiras grandes inovações no barco da *Xávega*, foram: no século XVI, a introdução do cambão; no século XVIII, devido ao desaparecimento do carvalho alvarinho da zona da costa, as cavernas e as rodas da proa e da popa passaram a ser feitas de pinheiro manso; e no século XIX, devido à diminuição do pinheiro manso, a utilização de eucalipto para os remos e para a roda da proa e da popa.⁵³ Uma outra invenção importante foi o pau de pontos, que permite construir o barco sem recorrer á fita métrica e é utilizado até aos nossos dias (figura 10).⁵⁴

Agora os barcos são compostos apenas por dois remos, que são denominados de remo-maião e remo-proa. A motorização e a falta de pescado, levou também à diminuição do tamanho do barco, passando de 16,45 metros entre 8 a 11 metros. Alguns destes possuem motor suplente, tendo os motores entre quarenta e setenta Horse Power. Hoje a tripulação do barco vai de 8 a 12 pescadores. A duração de vida de um barco é de 12 a 15 anos⁵⁵, número que naturalmente varia consoante a manutenção.

A roda de ré passou a ser feita de carvalho em vez de pinho de modo a aguentar mais a força que nela é exercida.

O desaparecimento de muitas companhas levou igualmente à diminuição dos mestres carpinteiros.

Os mestres de hoje têm os seus estaleiros bastante distantes da praia, no meio de pinhais onde está a matéria-prima necessária para a construção dos barcos⁵⁶. Estes mestres geralmente trabalham com apenas um ajudante, demorando perto de um mês a construir um barco. A isso acrescerá o tempo de pintura.

⁵² FIDALGO, Manuel, *A Arte Xávega- O Paradigma Ecológico| Trabalho| Técnicas de Navegação| Lanço*. Lisboa: INATEL, 2005, p. 59.

⁵³ FIDALGO, Manuel, *Arte Xávega- Sociedades| Comunidades | Famílias*. Lisboa: Fundação INATEL, 2009, p. 48/49.

⁵⁴ FIDALGO, Manuel, *Arte Xávega- Sociedades ...* p. 54.

⁵⁵ FIDALGO, Manuel, *A Arte Xávega- O Paradigma Ecológico...* p. 77.

⁵⁶ FIDALGO, Manuel, *O Barco da Xávega (Tecnologia da sua Construção)*. Lisboa: Edições Colibri e INATEL, 2000, p. 35.

Como já foi referido acima, na construção do Xávega, não é utilizada a fita métrica, sendo esta substituída pelo pau de pontos. Este consiste numa vara de madeira com cerca de um metro e meio onde estão marcadas algumas ranhuras e alguns números escritos a lápis. Todas as peças do barco são medidas a partir desta vara.⁵⁷

Quanto à cadeia operatória dos barcos, está dividida em várias fases, sendo que o mestre carpinteiro não pode avançar para uma fase sem que a anterior esteja terminada. De acordo com Manuel Fidalgo, no seu livro *O Barco da Xávega*, as fases de construção de um Xávega são as seguintes⁵⁸:

- 1º. Escolha, serração e transportes das madeiras;
- 2º. Pregar as estacas;
- 3º. Pregar as tábuas da quilha, dos fundos, e respetivos braços;
- 4º. Acavernar, pregar a roda da proa e a roda da ré os forcados e os braços;
- 5º. Cintar o barco com as tábuas de verdegar;
- 6º. Pregar os foliamentos no bico da proa e no bico da ré;
- 7º. Pregar os bordos, a capa da proa, as tábuas de fechar e a entre dois;
- 8º. Dragar, pregar bancos e a entre dois do fundo;
- 9º. Pregar as falcas;
- 10º. Pregar os forros;
- 11º. Pregar as labças;
- 12º. Pregar a capa da proa;
- 13º. Fechar o barco;
- 14º. Calafetar;
- 15º. Abrir o buraco do motor
- 16º. Pintar⁵⁹;
- 17º. Transportar para a praia;

⁵⁷ FIDALGO, Manuel, *O Barco da Xávega (Tecnologia da sua Construção)*. Lisboa: Edições Colibri e INATEL, 2000, p. 39/41.

⁵⁸ FIDALGO, Manuel, *O Barco da Xávega...* p. 42/43.

⁵⁹ FIDALGO, Manuel, *O Barco da Xávega...* p. 58. A pintura do barco é feita normalmente em três cores, que variam entre o branco, verde, vermelho, azul, vermelho e preto.

18º. Remos⁶⁰.

Na fase da pintura o barco é normalmente pintado de três cores, sendo que o branco está quase sempre presente e as outras duas cores variam entre o verde e o vermelho, o azul e vermelho e o preto e vermelho. Nos barcos da *Xávega* estão sempre presentes símbolos relacionados com a companhia, os padrões e maioritariamente símbolos ligados à devoção católica, como por exemplo, desenhos de santos, nomes de santos, entre outros. Muitas vezes o próprio barco tem o nome do santo ao qual a companhia é devota.

4.2. Redes

A própria palavra *Xávega*, significa aparelho de arrasto constituído por uma medida exata de 350 metros.

Inicialmente, as redes tinham dimensões enormes sendo necessários mais de 20 homens para carregar uma rede.⁶¹

As redes são compostas por duas mangas e um saco. As mangas dividem-se em muros que são ou comprados ou feitos pelos redeiros das companhias. Estes muros são todos unidos também pelos redeiros (homem de terra que trabalha no conserto das redes) até formarem as redes com as dimensões corretas.⁶² A malha da rede tem 7 muros de 20, 22, 24, 26, 28, 30 e 32 mm. O saco varia dos 15 aos 50 metros, este começa com malha de 24 mm e termina em 10 mm. A malha dos sacos é muito mais apertada que a malha das mangas. No “cú” do saco utiliza-se uma malha de 20 mm.

Os acessórios que compõem a rede são os seguintes: chumbos; cortiça; cabos; boias de sinalização (balizas). O comprimento das asas é de 380 metros e dos cabos de alagem que vão de dois mil e trezentos metros por manga até oitocentos metros. Estes cabos são de corda

⁶⁰ FIDALGO, Manuel, *O Barco da Xávega (Tecnologia da sua Construção)*. Lisboa: Edições Colibri e INATEL, 2000, p. 59. Os remos são feitos de eucalipto, hoje já não servem para levar o barco até ao largadouro mas sim para o equilibrar nas ondas mais altas e também para substituir o motor no caso de avaria. Este têm cerca de oito metros e a pá vinte centímetros.

⁶¹ LOPES, Helena; LOPES, Paulo Nuno, *A Safra*. Lisboa: Livros Horizonte, 1995, p. 7.

⁶² Estes muros são bocados de rede que geralmente se compram e que depois são unidos até formarem a própria rede dita. Mesmo quando as redes vem rotas do mar os redeiros rapidamente as unem ficam estas aptas de novo. Hoje existem pouco redeiros nas companhias. Esta é uma tarefa muito difícil que poucos são capazes de exercer.

grossa, enrolados em varais. As redes são normalmente feita de fio de nylon com boias, mas também existem de cabo flutuante.⁶³ As redes são colocadas nos barcos quando estes estão próximos do mar e são dispostas a serem facilmente lançadas.

Atualmente o custo de uma rede vai de 6 a 9 mil euros.

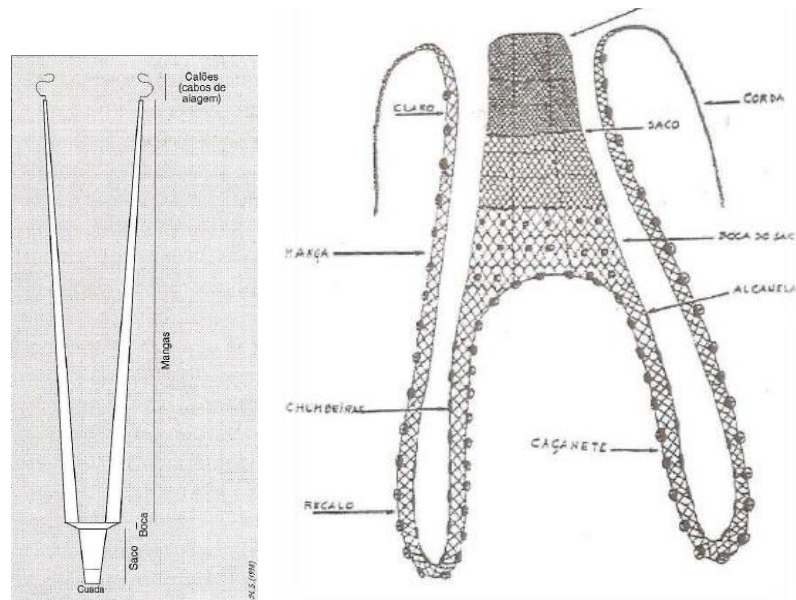


Figura 11- Rede da Arte Xávega.

Fonte: MARQUES, Maria João, *Arte Xávega em Portugal- Uma Arte Secular em Decadência- Organização, caracterização e Declínio*. Porto: Faculdade de Letras, 2010/2011.

4.3.Os Armazéns

Durante os meses de inverno era necessário guardar os barcos e todos os outros apetrechos de pesca, para isto, as companhas construía ou alugavam, armazéns ou garagens, inicialmente de madeira e idealmente situados junto à praia. Algumas companhas possuíam dois, um para guardar os tratores e outro para os restantes apetrechos. Alguns destes tinham ainda cozinha e quarto, já que algumas companhas serviam almoço aos pescadores.⁶⁴

⁶³ FIDALGO, Manuel, *A Arte Xávega- O Paradigma Ecológico| Trabalho| Técnicas de Navegação| Lanço*. Lisboa: INATEL, 2005, p. 71/73.

⁶⁴ FIDALGO, Manuel, *A Arte Xávega- O Paradigma Ecológico...* p. 61/65.

4.4.A Comercialização

A comercialização do peixe varia sempre consoante a quantidade que é retirada do mar. Na maioria dos locais o peixe é ainda vendido na praia pelo método de leilão, contudo há locais onde o peixe é levado para postos de venda próximos, as lotas. Saído do mar, este é separado em caixas pelos membros da companhia⁶⁵ e aí inicia-se a venda.⁶⁶

5. Quadro legal da *Arte com Xávega*

É possível a pesca com xávegas em águas oceânicas e interiores marítimas, descrita no Decreto Regulamentar nº 43/87 de julho, remetendo a sua regulamentação, para diploma posterior, de 13 de setembro de 1996, que aprova o Regulamento da pesca como a *Arte Xávega*, onde estão estabelecidas as dimensões máximas da *Arte*, a malhagem mínima (20 mm de malha estirada), as áreas de operação e as restrições específicas em matéria de cancelamento de licenças por abate da embarcação ou por inatividade não justificada.⁶⁷

No Decreto-Regulamentar nº 7/2000, de 30 de maio, a tipologia da arte foi revista, passando a ser classificada no grupo das artes envoltentes arrastantes, regulamentada pela Portaria nº 1102-F/2000, de 22 de novembro, que produz os condicionalismos que estavam previstos na Portaria publicada em 1996.⁶⁸

Em 2005, pela Portaria nº 244/2005, de 8 de março, foi admitida a possibilidade de construção de novas embarcações, por substituição de embarcações existentes, desde que fosse determinada exclusivamente por razões ligadas ao aumento de segurança, evitando situações em que o envelhecimento das embarcações pudesse pôr em causa a segurança dos tripulantes.

As artes envoltentes arrastantes estão também submetidas a regras gerais de Política Comum das Pescas. Aqui estão incluídas as medidas técnicas e tamanhos mínimos previstos no Regulamento (CE) nº 850/98, de 27 de março, e as regras refletivas ao controlo, do

⁶⁵ Antigamente o peixe mal saído do mar era separado pelas mulheres e vendido por estas. Hoje este processo é feito apenas pelos trabalhadores das companhias que são maioritariamente homens.

⁶⁶ MARQUES, Maria João, *Arte Xávega em Portugal- Uma Arte Secular em Decadência- Organização, caracterização e Declínio*. Porto: Faculdade de Letras, 2010/2011.

⁶⁷ Comissão de Acompanhamento da Pesca com Arte-Xávega, *Relatório de Caracterização da Pesca com Arte-Xávega*, Direção Geral dos Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos, 2014, p. 5.

⁶⁸ Comissão de Acompanhamento...p. 5.

Regulamento (CE) nº 1224/2009, de 20 de novembro e o Regulamento de execução (EU) nº 404/2011, de 8 de abril.⁶⁹

A nível europeu existem as normas sanitárias no Regulamento (CE) nº 854/2004 onde estão estabelecidas regras específicas de organização dos controlos de produtos de origem animal destinados ao consumo humano.

Na regulamentação europeia destacam-se os tamanhos mínimos de descarga, pela Portaria nº 27/2001, de 15 de janeiro.⁷⁰

O Decreto-Lei nº 81/2005, de 23 de fevereiro, estabelece a obrigatoriedade de 1ª venda em lota do pescado fresco e refrigerado, acautelando as dificuldades de entrega na lota do pescado capturado, contempla a possibilidade de adoção de regimes de exceção, que já foram estabelecidos para os apanhadores de animais marinhos e pescadores do rio Minho.⁷¹

Quanto ao uso da *Arte Xávega* em áreas protegidas, a Resolução do Concelho de Ministros nº 141/2005, estabelece o Plano de Ordenamento do Parque Natural da Arrábida, que prevê a pesca com *Xávega* nas praias da Califórnia e do Ouro, enquadradas em eventos turísticos ou culturais, mediante prévia autorização do Parque, e a Resolução do Concelho de Ministros, nº 11-B/2011, relativa ao Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina que proíbe a operação com *Arte Xávega*.

Quanto à comercialização do peixe é obrigatória a venda deste em lota, por leilão de acordo com o Decreto-Lei nº 81/2005, de 20 de abril. Contudo, esta lei não é muito cumprida por não haver estruturas da Docapesca em todos os locais de descarga para a venda do pescado e há falta de meios de transporte para transportar o pescado até à lota mais próxima.⁷²

A *Xávega* é ainda proibida na época balnear nas praias concessionadas. Os tratores podem movimentar-se apenas nas zonas autorizadas.

A fiscalização é feita pela Autoridade Marítima e pela Unidade de Controlo Costeiro da GNR.

⁶⁹ Comissão de Acompanhamento da Pesca com Arte-Xávega, *Relatório de Caracterização da Pesca com Arte-Xávega*, Direção Geral dos Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos, 2014, p. 5.

⁷⁰ Comissão de Acompanhamento... p. 6.

⁷¹ Comissão de Acompanhamento... p. 6.

⁷² Comissão de Acompanhamento... p. 12.

De acordo com o *Relatório de Caracterização da Pesca com Arte-Xávega*, da Comissão de Acompanhamento da Pesca com Arte-Xávega, podemos saber que no ano de 2013 existiam em Portugal 53 embarcações de Xávega, havendo doze na Trafaria, doze em Aveiro, dez na Nazaré, seis em Sesimbra, seis na Figueira da Foz cinco em Leixões, e finalmente duas em Lagos.

Comunidades Piscatórias	Nº Embarc.	Tripulação	
		Mar	Terra
Espinho	4	30	0
Torreira	4		
Vagueira	2		
Lavos	2	11	20
Tocha	2	8	4
Vieira de Leiria	9	84	50
Praia de Mira	5		
Costa da Caparica			
Fonte da Telha	12	44	0
Sesimbra	6	21	0
Lagos	2	3	2

Tabela 2- *Arte Xávega* Por comunidade piscatória em 2013. Não foram fornecidos dados para todas as comunidades Fonte: Comissão de Acompanhamento da Pesca com Arte-Xávega, *Relatório de Caracterização da Pesca com Arte-Xávega*, Direção Geral dos Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos, 2014).

Hoje, as espécies mais pescadas pela Xávega são: o carapau, a cavala, a sardinha, o biqueirão e a lula-vulgar.⁷³ Contudo é necessário ter cuidado com as quantidades capturadas visto que há espécies que já se encontram ameaçadas. O carapau é uma espécie que ainda é permitida pescar, embora neste momento o número de reprodutores esteja a diminuir drasticamente. A pesca e comercialização da sardinha foi recentemente proibida uma vez que Portugal esgotou a sua cota anual. Esta medida foi tomada devido ao declínio das populações desta espécie.

⁷³ Comissão de Acompanhamento da Pesca com Arte-Xávega, *Relatório de Caracterização da Pesca com Arte-Xávega*, Direção Geral dos Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos, 2014, p. 15.

Um outro problema existente na pesca com Xávega é a seletividade e a pesca de juvenis, isto porque a Xávega é considerada uma “pesca às cegas”, visto que os pescadores nunca sabem o que vem na rede, e pela captura de espécies indesejadas ou indivíduos subdimensionados.⁷⁴ Por este motivo são pescados peixes abaixo do tamanho permitido por lei como podemos observar na tabela 3. A pesca de espécies que ainda não atingiram a idade fértil é um dos problemas já que as espécies podem ficar ameaçadas sem indivíduos que possam continuar a reproduzir. Este tipo de pesca também tem pouca seletividade. Esta atua em zonas de baixa profundidade onde existem os viveiros de reprodução ou crescimento de várias espécies.

Espécies	Tamanhos Mínimo
Carapau (<i>trachurus trachurus</i>)	15 cm. Com 12 cm apenas 5% da quota de Portugal
Cavala (<i>scomber colias</i>)	20 cm
Sardinha (<i>sadina pilchardus</i>)	11 cm
Biqueirão (<i>engraulis encrasicolus</i>)	12 cm
Lula (<i>loligo vulgaris</i>)	10 cm
Salema (<i>sarpa salpa</i>)	18 cm
Sarda (<i>scomber scombrus</i>)	20 cm
Robalo Legítimo (<i>dicentrarchus labrax</i>)	36 cm
Choco Vulgar (<i>sepia officinalis</i>)	10 cm
Corvina Legítima (<i>argyrosomus regius</i>)	42 cm
Sargos (<i>diplodus spp.</i>)	15 cm

Tabela 3- Tamanhos mínimos das espécies que podem ser capturadas.

Um outro fator indesejado é o abandono de peixe no areal.⁷⁵ Existem bastantes queixas por parte da população. O abandono no areal do peixe que não pode ser comercializado não só é uma infração em termos ambientais como também deixa uma má imagem deste tipo de pesca.

⁷⁴ Comissão de Acompanhamento da Pesca com Arte-Xávega, *Relatório de Caracterização da Pesca com Arte-Xávega*, Direção Geral dos Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos, 2014, p. 25.

⁷⁵ Comissão de Acompanhamento... p. 26.

A Comissão de Acompanhamento da Pesca com Arte-Xávega pretende defender e criar melhores condições para os pescadores da *Xávega*, pelo que propôs algumas medidas para o melhoramento da *Arte*: uma das medidas propostas foi a comercialização de exemplares abaixo do tamanho. Por lei não é permitido exemplares abaixo do tamanho mínimo de descarga, exceto em quantidades muito reduzidas e apenas 10% abaixo do tamanho mínimo (tabela 2). Estes têm também que estar misturados, em lota, com outros exemplares. Contudo os pescadores propõem uma exceção que permita a comercialização do primeiro lance independentemente da dimensão, esta medida vai também reduzir a quantidade de peixe deixado no areal. Uma outra proposta é a venda do carapau com tamanho mínimo entre os 12 e 14 cm, em lotes separados até ao limite de 5%; a Comissão de Acompanhamento defende que os motores das embarcações devem atingir, 100 Horse Power; pretendem também a isenção de impostos relativos ao combustível tanto para as embarcações como para os tratores.⁷⁶

⁷⁶ Comissão de Acompanhamento da Pesca com Arte-Xávega, *Relatório de Caracterização da Pesca com Arte-Xávega*, Direção Geral dos Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos, 2014, p. 33/34.

Capítulo II

“Nascida há 200 anos de um pequeno lugar de pescadores, Espinho tornou-se famosa praia de banhos. Lutando contra o mar, inveja e contrariedades, foi evoluindo e progredindo até alcançar a cidadania.”⁷⁷

1. Caracterização do concelho de Espinho

O concelho de Espinho pertence ao distrito de Aveiro, está localizado na região Norte, inserido na Grande Área Metropolitana do Porto, NUT III. A norte é delimitado pela freguesia de São Félix da Marinha (concelho de Vila Nova de Gaia), a sul pela freguesia de Esmoriz (concelho de Ovar), a Nascente pelas freguesias de Nogueira da Regedoura e Oleiros (concelho de Santa Maria da Feira) e por fim, a poente pelo Oceano Atlântico.⁷⁸ Espinho está situado a 20 km da cidade do Porto e a cerca de 50 km de Aveiro.⁷⁹ O concelho tem aproximadamente uma área de 21,11 km² e contém quatro freguesias: Anta e Guetim, Paramos, Silvalde e Espinho. A cidade, propriamente dita é constituída pelo concelho de Espinho, parte do concelho de Anta e de Silvalde.

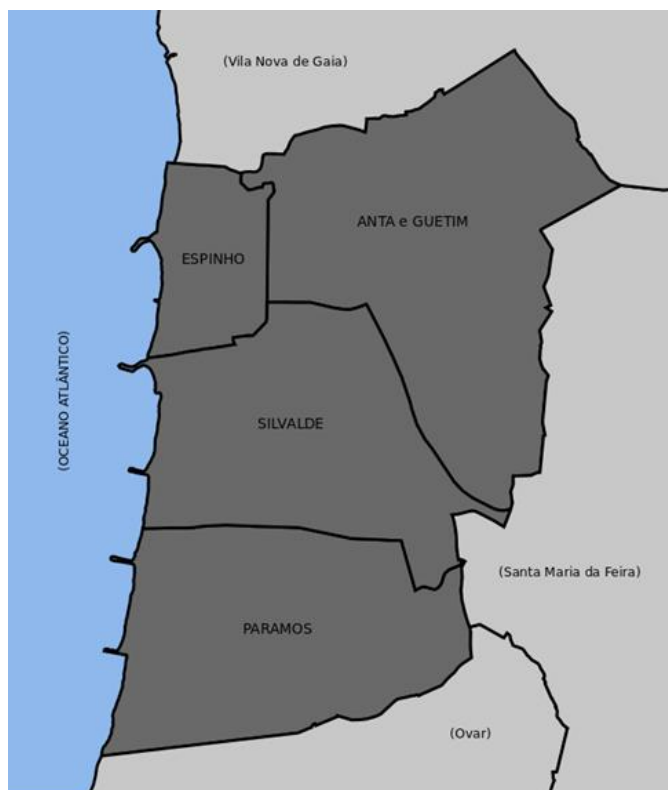


Figura 12- Divisão por Freguesias do Concelho de Espinho com base no mapa da Carta Educativa de Espinho. Espinho. Fonte: Câmara Municipal. 2007.

⁷⁷ QUINTA, João, *Espinho*. Espinho: Edição João Quinta, 1999, p. 9.

⁷⁸ Carta Educativa de Espinho. Espinho, Camara Municipal. 2007, p. 16.

⁷⁹ ARAÚJO, António José Lopes, *Influencia do Mar na Morfologia Urbana de Espinho*. Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2013, p. 8/9.

“Espinho está inserido na plataforma de abrasão, zona plana ao lado da costa atlântica, que tem como características, praias amplas e terrenos sem ondulação.”⁸⁰ Como área hidrográfica pertence á grande Bacia do Douro e á Bacia do Vouga e conta ainda com três ribeiras fundamentais (Ribeira do Mocho, Ribeira de Silvalde e Ribeira do Rio Maior).⁸¹ Contem ainda uma frente marítima com cerca de 6 km de extensão.

Possui um clima temperado marítimo, húmido, com temperaturas amenas e com reduzidas amplitudes térmicas anuais.

A sua superfície de abrasão marinha é considerada plana, com ligeira inclinação para oeste, sendo que as cotas se elevam desde o mar e atingem os 150 metros de altura.

Quanto à atividade agrícola do concelho, está relacionada com os vales e leitos, contendo a freguesia de Anta e Guetim algumas hortas e pomares, “As explorações agrícolas nas freguesias mantêm as rotações tradicionais de milho-leguminosas e são ainda visíveis os celeiros de acondicionamento e secagem dos cereais – os espigueiros, mais conhecidos por canastros.”⁸² As florestas estão localizadas no interior, nas áreas com maior relevo, e são constituídas por pinheiro bravo e eucalipto.

1.1. População Residente

Em relação à população, habitam no concelho de Espinho 31,786 habitantes, de acordo com o Recenseamento Geral da População e da Habitação de 2011.

Como podemos verificar no gráfico a baixo, a população residente do concelho de Espinho sofreu um decréscimo de 3,170 habitantes, sendo que, este decréscimo deu-se maioritariamente na população jovem, na faixa etária entre os 15 e os 24 anos e dos 0 aos 14 anos. Quanto às freguesias, a de maior número de habitantes é Anta, seguida de Espinho, Silvalde, Paramos e Guetim.⁸³

⁸⁰ ARAÚJO, António José Lopes, *Influencia do Mar na Morfologia Urbana de Espinho*. Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2013, p. 9.

⁸¹ Carta Educativa de Espinho. Espinho, Camara Municipal. 2007, p. 17.

⁸² Carta Educativa de Espinho... p. 18.

⁸³ COSTA, Mariana Santos; AMORIM, Fernanda. *Diagnóstico Social do Concelho de Espinho*. Espinho: Câmara Municipal, 2013, p. 15/16.

Quanto à taxa de natalidade, tem vindo também a diminuir, facto resultante em todo o país, conseqüente dos retardos do casamento. Relativamente à taxa de mortalidade, esta cresceu 2,6%.

Gráfico 1 – Evolução da população residente no concelho de Espinho, entre 1981 e 2011, segundo o sexo.

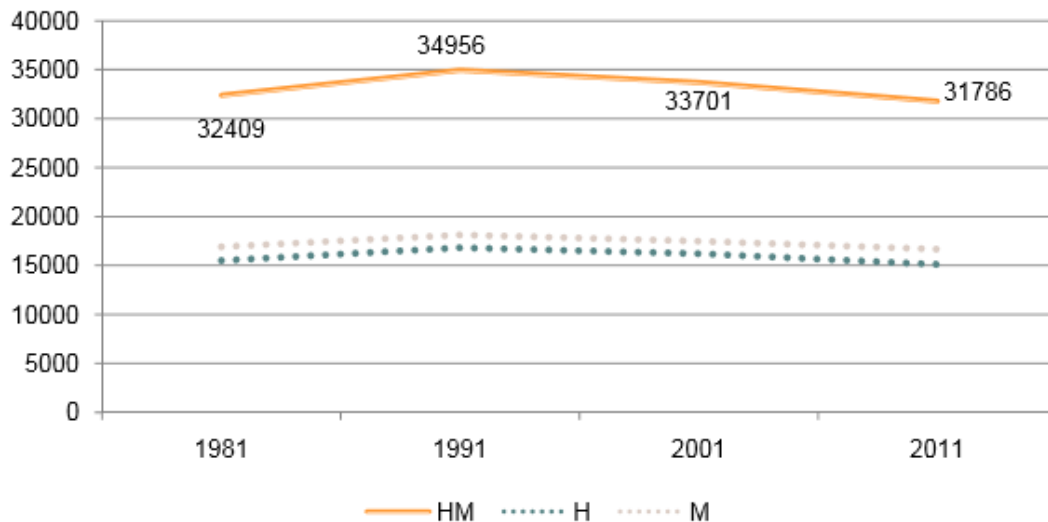


Gráfico 1- INE Recenseamento de População e Habitação 1981, 1991 e 2001.

Fonte: COSTA, Mariana Santos; AMORIM, Fernanda. *Diagnóstico Social do Concelho de Espinho*. Espinho: Câmara Municipal, 2013.

Relativamente à taxa de crescimento migratório, esta tem um valor negativo desde 1992. Sendo, então, o número de emigrações superior ao número de imigrações.

Quanto aos dados do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, verifica-se que em 2010 haviam 669 cidadãos estrangeiros a residirem no concelho, correspondendo a população estrangeira a 2,1% da população residente em 2011. Estes estrangeiros vêm maioritariamente do Brasil, Roménia, Ucrânia e China.⁸⁴

1.2. Estrutura Etária

A estrutura etária regista valores mais baixos nos escalões mais jovens, sendo que nos Censos de 2011, 20,7% da população é constituída por pessoas com idade superior a 65 anos;

⁸⁴ COSTA, Mariana Santos; AMORIM, Fernanda. *Diagnóstico Social...* p. 18.

55,9% representam a faixa etária dos 25 aos 64 anos; 10,7% dos 15 aos 24 anos; e 12,7% dos 0 aos 14 anos. Assim, verifica-se que o número de habitantes com mais de 65 anos é um dos mais elevados do país. Isto significa que existe um envelhecimento significativo da população.⁸⁵

Verifica-se também que 52,4% da população do concelho é composta por mulheres.

1.3. Atividades Económicas

Em 2008, de acordo com os dados do Sistema de Contas Integradas das Empresas, existiam 3700 empresas sedeadas em Espinho. Contudo, vê-se um decréscimo de -11,9% de 2004 a 2008.

	2004	2005	2006	2007	2008	Varição 2004/2008
Portugal	1 221 555	1 190 032	1 085 435	1 101 681	1 096 255	-10,3
Norte	385 999	378 460	352 463	356 739	355 991	-7,8
Centro	277 450	269 555	237 907	239 840	237 534	-14,4
Distrito do Porto	192 602	189 894	184 022	185 817	185 291	-3,8
Distrito de Aveiro	85 982	83 432	74 219	75 303	80 886	-5,9
Espinho	4201	3 971	3 613	3 697	3 700	-11,9

Tabela 4- Empresas por município de sede entre 2004 e 2008.

Fonte: COSTA, Mariana Santos; AMORIM, Fernanda. *Diagnóstico Social do Concelho de Espinho*. Espinho: Câmara Municipal, 2013.

Relativamente às empresas do concelho de Espinho, cada uma emprega cerca de 2,6 pessoas. Quanto aos setores de atividade, 0,1% do total das empresas pertencem ao setor primários, 14% ao secundário e 86% ao terciário.⁸⁶ Quanto ao setor secundário, houve uma redução significativa do número de empresas, representa maioritariamente o setor da indústria transformadora e da construção. No setor terciário, o número de empresas tem vindo a aumentar.⁸⁷

⁸⁵ COSTA, Mariana Santos; AMORIM, Fernanda. *Diagnóstico Social do Concelho de Espinho*. Espinho: Câmara Municipal, 2013, p.20/22.

⁸⁶ COSTA, Mariana Santos; AMORIM, Fernanda. *Diagnóstico Social...* p. 74/75.

⁸⁷ COSTA, Mariana Santos; AMORIM, Fernanda. *Diagnóstico Social...* p.76.

	2004	2005	2006	2007	2008
Sector Primário	60	53	3	4	4
Sector Secundário	1 012	925	584	583	515
Sector Terciário	3 129	2 993	3 026	3 110	3 181
Total	4201	3971	3 613	3697	3700

Tabela 5- Evolução entre 2004 e 2008 do número de empresas sedeadas no concelho de Espinho segundo o sector de atividade.

Fonte: COSTA, Mariana Santos; AMORIM, Fernanda. *Diagnóstico Social do Concelho de Espinho*. Espinho: Câmara Municipal, 2013.

1.4. Atividades Relacionadas com o Setor Primário

Visto que a *Arte Xávega* faz parte da atividade económica inserida no setor primário, precedeu-se a uma caracterização sumaria deste setor. Pelos dados do *Diagnóstico Social do Concelho de Espinho (2013)*, sabemos que em Espinho existem 57 empresas do setor primário, isto é, empresas relacionadas com a agricultura, pecuária, silvicultura, apicultura, extração mineira e pesca.⁸⁸ Sabe-se que as atividades da agricultura, produção animal, caça e atividades relacionadas com o mesmo, representam 78,2% do total ENI⁸⁹; na silvicultura, exploração florestal e serviços relacionados, operam empresários em nome individual e 1 sociedade; na pesca (a *Arte Xávega* e as Varinas), cresceu gradualmente tornando-se num elemento identitário do concelho. Possui uma importante colónia piscatória, sendo que a pesca está presente desde os inícios da existência de Espinho como concelho. Esta teve uma maior importância, quando surgiu a técnica de conservação por salmoura e com a abertura da Fabrica de Conservas Brandão Gomes. Contudo, esta atividade tem vindo a diminuir ao longo dos tempos. Em 2007, representa 12,7% do total de ENI, e hoje existem apenas 4 companhias de pesca em atividade; finalmente, a extração mineira conta com 1 única sociedade.⁹⁰

COSTA, Mariana Santos; AMORIM, Fernanda. *Diagnóstico Social do Concelho de Espinho*. Espinho: Câmara Municipal, 2013, p. 101.

⁸⁹ ENI- designação para Empresários em Nome Individual.

⁹⁰ COSTA, Mariana Santos; AMORIM, Fernanda. *Diagnóstico Social...* p. 101/102.

2. A *Arte Xávega* em Espinho: O passado e o Presente

2.1. Toponímia

Existem duas histórias ou lendas, que tentam explicar a origem do nome Espinho. Uma delas é a história de dois Galegos que sofreram um naufrágio próximo da Costa de Espinho, estes prometeram à Nossa Senhora a construção de uma capela em sua honra se conseguissem sobreviver e chegar a terra. Chegaram a terra agarrados a uma placa de madeira. Numa discussão sobre que tipo de madeira era, um dos galegos afirmava que era de castanho ao que o outro respondia, “No! És piño!” surgindo assim o nome Espinho. Uma outra história diz que o nome deriva de uma antiga vila romana designada *Spino* que existia numa freguesia próxima de Espinho em São Félix da Marinha.⁹¹

2.2. Breve Historia do Surgimento do Povoado de Espinho

Espinho inicialmente era uma freguesia de S. Félix da Marinha, consistia numa pequena vila romana, designada de *Spino*⁹² que mais tarde passa a pertencer a Anta (hoje freguesia de Espinho). Esta vila era conhecida como Espinho Terra. Contudo, só por volta de 1737 este local começou a ser frequentado por pescadores vindos do Furadouro à procura de melhores safras e maior proximidade com os mercados mais fortes, surgindo assim, Espinho Mar. Estes pescadores inicialmente instalaram-se no areal que hoje se situa em frente às piscinas, abrigando-se de baixo dos barcos. Vinham para a costa de Espinho sazonalmente apenas na época de safra, sendo que, nos meses mais frios regressavam ao Furadouro onde recorriam a outros meios de subsistência como o trabalho na Ria de Aveiro. Mais tarde, em 1758, começaram a construir os palheiros junto à praia, e em 1776 algumas famílias começam já a fixar-se em Espinho, dando início a um pequeno aglomerado urbano, constituído por pequenos palheiro contruídos no areal, feitos de tábuas, cobertos com barro e junco. Poucos

⁹¹ ARAÚJO, António José Lopes, *Influencia do Mar na Morfologia Urbana de Espinho*. Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2013, p. 8.

⁹² QUINTA, João, *Espinho*. Espinho: Edição João Quinta, 1999, p. 11. Pode-se encontrar a referência de Espinho como sendo freguesia de S. Félix da Marinha numa cara de Dm Manuel I, publicada no livro, *Livro 13 da Estremadura* de 1510.

anos mais tarde, Espinho contava já com a presença de 125 casais que por mais de 25 anos viveram unicamente da pesca que era comercializada para o Porto.⁹³



Figura 13-Palheiros de Espinho, 1840.
Fonte: <http://repositorio-aberto.up.pt>



Figura 14-Palheiros de Espinho.
Fonte: <http://repositorio-aberto.up.pt>

De 1830 a 1865, algumas famílias mais abastadas das vilas vizinhas, começam a construir palheiros mais ricos, que serviam de casa de férias nos meses mais quentes. Com o aumento de pescadores e com a vinda destes fidalgos, Espinho desenvolveu-se rapidamente, passando a ter: uma capela para os pescadores, casas de pedra e cal pertencentes às famílias mais abastadas que investiam na freguesia, armazéns para a conserva da sardinha, cafés, um hotel e bilhares, entre outras infraestruturas.⁹⁴

⁹³ QUINTA, João, *Espinho*. Espinho: Edição João Quinta, 1999, p. 12/14.

⁹⁴ QUINTA, João, *Espinho...* p. 15/17.

Em 1876, foi construída a estação de caminhos-de-ferro, que foi um grande impulsionador para o desenvolvimento da freguesia, visto que, permitia a vinda de veraneantes de todo o país e de Espanha. Estes dirigiam-se a Espinho por questões de saúde, devido ao iodo do mar e apenas para lazer.

Com o comboio o comércio desenvolveu-se drasticamente.

Da atual rua 2 para poente habitavam os pescadores, os vareiros, da estação para nascente viviam os fidalgos.

Em 1877 Espinho passa a freguesia sendo conhecida por ser uma estância balnear frequentada por burgueses e intelectuais.⁹⁵

Esta evolução deu-se devido à modernização dos meios de transporte, à paragem do comboio na vila e também à revolução industrial. A máquina a vapor veio permitir que Espinho passa-se a ter uma das mais importantes fábricas conserveiras do país.



Figura 15- Espinho Largo da Ajuda.
Fonte: <http://www.prof2000.pt>

2.3. Estância Balnear

Com a evolução dos transportes e alteração dos costumes, começou a ser mais frequente, a partir do século XIX, passar o tempo livre fora de casa. Espinho era um dos locais que atraía mais os fidalgos de outras regiões, devido às suas praias. Recebia nos meses de verão as famílias mais abastadas vindas, principalmente, da Feira, Oliveira de Azeméis, Anadia, Arouca e do Porto. A procura de alojamento levou à construção de novas casas, já de pedra e cal, que serviam de habitação de férias. Surgiram novas atividades e passou a ser frequente o aluguer

⁹⁵ QUINTA, João, *Espinho*. Espinho: Edição João Quinta, 1999, p. 18.

de barracas na praia e a ida a banhos não só por lazer mas também por terapia, defendia-se que o banho de mar em jejum era terapêutico para certos males.⁹⁶

A área comercial desenvolveu-se rapidamente, devido à construção de uma estação de caminhos-de-ferro em Espinho e a partir de 1874 abriram vários tipos de comércio, como por exemplo: lojas, talhos, hotéis, cafés, casinos, entre outras.⁹⁷

2.4. A Colónia Piscatória/ *Arte Xávega* em Espinho

Como já foi referido no ponto anterior, o povoado de Espinho surgiu com a vinda de pescadores do Furadouro que necessitavam de uma maior proximidade com os mercados de escoamento.⁹⁸ A pesca era abundante e a procura limitada, o que provocava, por vezes, sobras bastante grandes do produto, que acabava por ser vendido a preços mais baixo aos agricultores que o usavam como estrume para as suas terras. Por este motivo os pescadores necessitavam de se aproximar de mercados mais fortes como o do Porto e Lisboa, acabando assim por se fixarem em Espinho, inicialmente apenas nos meses de safras.⁹⁹

Contudo estas migrações terminaram em 1776 com a chegada de Jean Pierre Mijaule, um francês de Languedoc, que veio para Portugal acompanhado de alguns operários catalães. Este acabou por fundar na região, armazéns de conservação de sardinhas através da técnica da salmoura. Isto permitiu maior escoamento do peixe capturado e permitia que pudesse ser comercializado também no inverno a preço mais altos. Esta técnica passou a ser praticada por vários pescadores que se fixaram em Espinho definitivamente, visto que, passaram a ter rendimentos todo o ano e não apenas nos meses de safra. Recolham, assim, a maior quantidade de peixe possível para salgarem e terem como reserva quando este falhasse, ou para quando não houvesse condições de ir ao mar. Devido a esta técnica os pescadores não necessitavam de pescar apenas pequenas quantidades junto à costa, passando a pescar em alto mar com redes maiores.¹⁰⁰ Estes trabalhavam com a *arte pequena* junto à costa e com a

⁹⁶ PEREIRA, Álvaro, *Espinho Monografia*. Espinho: Edição do Autor, 1970, p. 16.

⁹⁷ COUTO, Hélder Fernando de Oliveira. *Turismo e Política de Turismo no Concelho de Espinho*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2008, p. 15/17.

⁹⁸ GAIO, Carlos Morais, *A Génese de Espinho: Histórias e Postais*. Porto: Campo de Letras, 1999, p. 61.

⁹⁹ GAIO, Carlos Morais, *A Génese de Espinho...* p. 61.

¹⁰⁰ GAIO, Carlos Morais, *A Génese de Espinho...* p. 71.

arte grande, onde se insere a *Xávega* para a apanha da sardinha em distâncias um pouco maiores.¹⁰¹

Com a técnica de salmoura, a comercialização do produto era realizada pelas mulheres ou pelos mais velhos, estabelecendo relações comerciais a norte com a Afurada, Matosinhos e Pova de Varzim e a sul com Ovar.¹⁰²

Porém, era necessário a ocupação laboral para o inverno, deslocando-se para o Douro, onde apanhavam caranguejo para ser comercializado quer como alimento quer como adubo.¹⁰³

Nos inícios do século XIX a população de Espinho desenvolvia-se num amontoado de palheiros, em redor de um largo, conhecido como a Praça Velha, com ruelas que iam dar ao areal onde se encontravam os armazéns de salga e onde guardavam os apetrechos de pesca. Estes palheiros eram construídos da mesma maneira que os palheiros encontrados em todo o litoral.

Em 1910, existiam em Espinho cinco companhas, que empregavam 278 homens qualificados e 50 não qualificados. Cada uma destas companhas, trabalhava com cerca de 28 juntas de bois. Estes trabalhadores não tinham soldada certa, isto porque 50% da quantidade de peixe pescado era para o dono da companha e o restante dividido entre os homens. Nesta repartição de proventos os homens de mar tinham um maior quinhão, os de terra um pouco menos, sendo que as mulheres recebiam uma percentagem mínima e as crianças apenas uma caldeirada.

A mulher tinha como funções a administração da casa e da família, ajudava na safra, trabalhava na salga e na comercialização do peixe e no conserto das redes.¹⁰⁴

¹⁰¹ Câmara Municipal de Espinho- *Historia- Das Origens à Criação do Concelho*. <http://portal.cm-espinho.pt/pt/equipamentos-municipais/museu-municipal/historia-das-origens-a-criacao-do-concelho/a-colonia-piscatoria/>

¹⁰² COUTO, Hélder Fernando de Oliveira. *Turismo e Política de Turismo no Concelho de Espinho*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2008, p. 14.

¹⁰³ GAIO, Carlos Morais, *A Génese de Espinho: Histórias e Postais*. Porto: Campo de Letras, 1999, p. 72.

¹⁰⁴ GAIO, Carlos Morais, *A Génese de Espinho...* p. 85.

Após a chegada da rede a sardinha era dividida e colocada em canastras que eram levadas pelas mulheres “ de perna à mostra e canastra na cabeça”, ainda a saltitar, pela estrada fora em direção ao Porto, estas apregoavam “ De Espinho viva!”.¹⁰⁵

Em Espinho, foi em 1980 que a alagem deixou de ser feita por juntas de bois e passou a ser feita por tração mecânica.



Figura 16- Espinho *Arte Xávega*.
Fonte: Fotografia do arquivo do Museu Municipal de Espinho.

2.5. A Fábrica de Conservas Brandão Gomes

Em 1876, havia em Espinho uma fábrica de conservas de peixe em sal, que fazia parte da Sociedade Santos Cirne & Ca sediada no Porto e que empregava 120 mulheres. Em 1894 esta fábrica foi comprada pelos irmãos Brandão e Gomes¹⁰⁶, daí nasceu a fábrica de conservas Brandão, Gomes & C^a, considerada o grande fator de desenvolvimento industrial de Espinho.¹⁰⁷ A fábrica foi equipada com as máquinas mais avançadas da época e adotaram os

¹⁰⁵ GAIO, Carlos Morais, *A Génese de Espinho: Histórias e Postais*. Porto: Campo de Letras, 1999, p. 86.

¹⁰⁶ Emigrantes vindos do Brasil, onde já tinham sido sócios, voltaram a associar-se em Portugal na indústria conserveira que se encontrava em ascensão.

¹⁰⁷ ARAÚJO, António José Lopes, *Influência do Mar na Morfologia Urbana de Espinho*. Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2013, p. 28.

métodos utilizados nos países europeus mais desenvolvidos (importaram maquinaria de França, Holanda e Alemanha)¹⁰⁸ e chamaram técnicos estrangeiros especializados.¹⁰⁹ Devido a esta fábrica, Espinho foi dos primeiros locais a possuir luz elétrica, telegrafo e telefone. Estas inovações tecnológicas originaram uma nova repartição do trabalho; os homens normalmente trabalhavam na *Xávega* em quanto as mulheres operavam na fábrica. As grandes vantagens da fábrica para Espinho foram: a absorção do produto da pesca assegurando a subsistência das famílias de pescadores; a criação de postos de trabalho atraindo assim novos moradores e conseqüentemente aumentando o poder de compra; estimulando o progresso tecnológico; e promovendo a propaganda turística.¹¹⁰

Em 1895, serviu a Casa Real sendo-lhe dado o nome de *Real Fábrica de Conservas Alimentícias* pelo Rei D. Carlos.¹¹¹

Em 1897 ganhou a medalha de ouro na exposição industrial do Palácio Cristal no Porto e no mesmo ano os sócios ganharam a Ordem de Mérito Industrial atribuída pelo governo. Alguns anos depois são abertas filiais em Matosinhos, S. Jacinto e Setúbal.¹¹² Devido ao grande movimento da fábrica a Companhia dos Caminhos de Ferro contruiu um ramal da fábrica à estação.

O principal produto da fábrica eram as conservas de sardinha (fabricavam-se mais de 15 variedades) além de uma variada game de outros produtos, como por exemplo: conservas de sopas, mariscos, carnes, caça, legumes, fruta, compotas e queijo. Foi aqui que começou a fazer-se a confeção de *pickles* e do molho de Espinho. Esta fábrica forneceu as rações para as tropas portuguesas na Primeira Guerra Mundial, chegando a ser a segunda maior empresa nacional em exportações.¹¹³ A estratégia da fábrica apoiava-se na publicidade com o *slogan* “Melhorando Sempre”.¹¹⁴

¹⁰⁸ GAIO, Carlos Morais, *A Génese de Espinho: Histórias e Postais*. Porto: Campo de Letras, 1999, p. 160.

¹⁰⁹ QUINTA, João, *Espinho*. Espinho: Edição João Quinta, 1999, p. 62.

¹¹⁰ GAIO, Carlos Morais, *A Génese de Espinho...* p. 155/156.

¹¹¹ ARAÚJO, António José Lopes, *Influencia do Mar na Morfologia Urbana de Espinho*. Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2013, p. 30.

¹¹² QUINTA, João, *Espinho...* p. 62.

¹¹³ QUINTA, João, *Espinho...* p. 62.

¹¹⁴ GAIO, Carlos Morais, *A Génese de Espinho...* p. 160.



Figura 17- Fabrika de Conservas Brandão, Gomes Cª.
Fonte: <http://lh5.ggph.com>

Contudo, em 1923 faleceram dois dos sócios, ficando a ser gerida pelos herdeiros. Nesse mesmo ano a crise mundial fez-se sentir nesta empresa, tendo sido fechadas as três filiais e ficando apenas a fábrica de Espinho em funcionamento.

Com a Segunda Guerra Mundial a empresa volta a conhecer um período de grande expansão, todavia, no fim da guerra, voltaram os problemas financeiros, acabando por ser vendida a uma empresa do mesmo ramo. No entanto, os problemas não acabaram, tendo sido, posteriormente vendido o edifício em leilão à Câmara Municipal de Espinho.

A fábrica foi a grande responsável pelo desenvolvimento de Espinho, chegou a empregar 400 operários maioritariamente mulheres (ver anexos 5 a 8).



Figura 18- Cartaz Publicitário.
Fonte: <http://lh5.ggph.com>

Hoje, depois de restaurado, uma parte do edifício da antiga fábrica foi aqui instalado o Museu Municipal de Espinho que conta com duas exposições permanentes: uma relativa à *Arte Xávega*, onde podemos ver fotografias da *Arte Xávega* em Espinho, apetrechos de pesca, um barco da *Xávega*, alguma decoração das casas dos pescadores, entre outras; e a outra relativa à Fábrica de Conservas Brandão Gomes, onde podemos ver a sua história, as latas e vários produtos que eram lá fabricados. Ainda neste edifício podemos encontrar galerias onde são expostas as exposições temporárias do museu, o Fórum de Arte e Cultura de Espinho, um auditório entre outros.

Será o museu de Espinho um ponto turístico de grande atratividade? Será que não poderia contribuir mais para a divulgação da *Arte Xávega*?

Na minha opinião o museu poderia ser melhor aproveitado neste âmbito, uma vez que o número de visitantes anuais é bastante reduzido e que tanto os visitantes como a própria população de Espinho não mostram grande interesse no museu. Talvez este devesse ir modificando as suas exposições permanentes de modo a torna-las mais atrativas visto que são de pequena dimensão, pouco interativas e de difícil acesso a pessoas com mobilidade reduzida. O museu poderia também proporcionar atividades relacionadas com a *Arte Xávega* para crianças e adultos e incentivar a ação educativa. Este poderia promover a *Arte* e fazer com que esta se mantivesse viva. Poderia contar com a ajuda dos próprios pescadores para em conversas informais com grupos de jovens e adultos de modo a promover a *Xávega*, a fomentar o interesse por esta *Arte* e a aumentar o interesse do público pelo próprio museu.

2.6. Os Vareiros e as Varinas de Espinho

Os vareiros desde sempre foram homens rudes mas muito religiosos¹¹⁵. Estes são conhecidos como homens de força e resistência visto que quando o mar está favorável, fazem vários lances por dias. Quando este não permite, vão fazendo atividades informais “biscates”, alguns trabalham na construção civil, outros em tabernas junto ao povoado piscatório, enquanto outros simplesmente passam o seu tempo nas tabernas a beber e a jogar cartas. Os

¹¹⁵ Antigamente podíamos ver esta religiosidade no nome dos barcos, este tinham sempre nomes ligados a algum santos ou relacionado com a religiosa, contuso, hoje em dia já não vemos isso nos barcos ainda existentes na praia de Espinho.

que sabem tratar dos apetrechos de pescas ocupam o tempo a arrumar e concertar os aparelhos para estar tudo pronto para quando forem ao mar. Estes têm por hábito começar o dia de manhã cedo nas tabernas a beber bagaço.¹¹⁶



Figura 19- Varinas de Espinho.

Fonte: Fotografia do arquivo do Museu Municipal de Espinho.

As vareiras¹¹⁷ ou varinas em Espinho, iniciam o seu dia na praia à espera que cheguem os barcos para fazerem a compra do peixe, este é vendido por lanço (leilão), por esse motivo, o seu preço varia de dia para dia consoante a quantidade de peixe que sai de determinadas espécies. Depois do peixe comprado vão de canastra á cabeça, ou mais recentemente com uma espécie de carrinho vende-lo nas ruas da cidade, sempre apregoando a frescura do seu peixe.¹¹⁸ Antigamente eram as mulheres que vendiam o peixe das companhas e que tratavam de toda a sua comercialização, hoje continuam a ser as mulheres a vende-lo, contudo estas nada têm a ver com as companhas, são meras compradoras que depois o vendem por conta própria.

¹¹⁶ QUINTA, João, *Espinho*. Espinho: Edição João Quinta, 1999, p. 35.

¹¹⁷ As gentes vareiras, são as pessoas que se encontra da Foz do Rio Douro às lagoas do Vouga e dunas de São Jacinto, na Costa Nova e no Furadouro, na Murtosa, estas distinguem-se pela particular formas de vestir, falar e vivem essencialmente das lides do mar. Em tempos, estes deslocavam-se para outras terras em buscar de sustento. E assim se foram espalhando por toda a costa litoral até ao Algarve. As varinas, percorriam as cidades de canastra a cabeça a apregoar para vender o seu peixe. Esta designação tornou-se mais comum em Lisboa para se referir às pessoas oriunda de Aveiro e Porto (http://www.folclore-online.com/textos/carlos_gomes/vareiros_varinos.html#.VWcNRUbrSzE).

¹¹⁸ QUINTA, João, *Espinho...* p. 38.

2.7. Passagem dos Palheiros para Blocos

Inicialmente a comunidade piscatória de Espinho habitava nos palheiros pobres construídos junto a praia, estes eram feitos de madeira, com dimensões muito reduzidas, tinham os telhados em colmo ou palha, possuíam apenas uma porta, excepcionalmente possuíam janelas, não tinha soalho e a comida era feita no chão. Encontravam-se encostados uns aos outros para se protegerem dos ventos. Com o passar do tempo, alguns já eram cobertos por telha, passaram a ter forma retangular, a possuir soalho e varanda para o exterior.¹¹⁹

Contudo, as sucessivas investidas do mar foram alterando a costa de Espinho, arrasando com a maioria dos palheiros e com a pequena capela dos Galegos, que tinha sido construída em 1809 e terá sido a primeira capela junto ao povoado de pescadores com culto a Nossa Senhora da Guia.

O sucesso da praia como praia de banhos fez com que em redor dos palheiros habitados pelos pescadores se fossem construindo outro tipo de habitações e de comércio. Isto fez com que o núcleo piscatório se fosse estendendo para sul afastando-se do centro urbano que crescia de dia para dia, passando a ter características próprias.¹²⁰ As famílias de pescadores passaram a habitar no bairro da Rainha e no Bairro dos Pescadores. Bairros construídos com a ajuda do governo para alojar as famílias que perderam as suas casas com as invasões do mar.¹²¹ Os bairros dos pescadores inicialmente pagavam uma renda mensal com a promessa de que passado alguns anos as casa passariam a ser deles. Assim, aconteceu, quando as casas passaram para a propriedade deles, estes começaram a aumenta-las. Os bairros possuíam creche, escolas, capelas em honra dos santos padroeiros dos pescadores (São Pedro e Nossa Senhora do Mar).¹²²

¹¹⁹ QUINTA, João, *Espinho*. Espinho: Edição João Quinta, 1999, p.37/38.

¹²⁰ GAIO, Carlos Morais, *A Génese de Espinho: Histórias e Postais*. Porto: Campo de Letras, 1999, p. 88/94.

¹²¹ "Espinho enfrentava perigosas investidas do mar e começava a assistir ao desaparecimento do seu aglomerado primitivo. A distância entre a linha de maré-alta e a via-férrea, no seguimento da atual rua 19, que era de 450 metros em 1866, começou a encurtar-se à medida que a força das águas destruíam palheiros, casas, travessas e ruas, sendo em 1889 de 355 metros. Os factos ganharam uma dimensão tal, que a Rainha-Mãe, D. Maria Pia, a banhos na Granja, visitou Espinho, em 1891, e doou uma verba para construção de novas casas (36) para pescadores, em terreno cedido pela Junta de Freguesia (sito a poente da atual Rua 2, entre as Ruas 35 e 39), passando esse pequeno aglomerado a ser conhecido como "Bairro da Rainha". –Camara Municipal de Espinho.

¹²² QUINTA, João, *Espinho...* p. 89.

Hoje, já não podemos ver palheiros em Espinho, o bairro dos pescadores encontra-se em Silvalde (a sul da cidade de Espinho) e é constituído por prédios e casas de pedra e cal, algumas ainda um pouco pobres mas existem várias já de grandes dimensões. Podemos também lá encontrar algum comércio, tabernas e restaurantes.

2.8. Santos Padroeiros dos Pescadores Em Espinho

Como podemos verificar, a pesca é uma atividade perigosa, pondo em risco a vida dos pescadores face aos perigos do mar. Por este motivo, os pescadores e as suas famílias são muito devotas aos santos que têm como padroeiros. Rezavam pedindo aos santos ajuda para que o dia de faina corresse bem. As varinas ficavam a rezar pelos maridos quando estes saiam para o mar. Esta devoção das comunidades piscatórias está presente por todo o país.

A cidade de Espinho tem como padroeira Nossa Senhora da Ajuda, santa consagrada dos pescadores, porém a população piscatória conta com mais dois santos aos quais são devotos, São Pedro e Nossa Senhora do Mar.

Quanto à Nossa Senhora da Ajuda não se sabe ao certo quando teve início o seu culto em Espinho, contudo há quem defenda que se iniciou devido a um filho de um morgado de Cassufas, salvo milagrosamente de um afogamento, quando, na luta contra as ondas terá invocado Nossa Senhora da Ajuda para que o ajudasse a sair do mar. Outros dizem que este culto veio dos dois galegos que terão dado o nome a Espinho, quando a salvo do naufrágio agradeceram a Nossa senhora e acabaram por mandar contruir uma capela em sua honra.¹²³



Figura 20-Capela doa Galegos.

Fonte: <http://portal.cm-espinho.pt/fotos/editor2/Museu/templo.jpg>

Quando os pescadores se começaram a fixar em Espinho não havia nenhum templo próximo, tendo por isso de se deslocar até Anta (freguesia a que Espinho pertencia na altura), local mais próximo com igreja. Os dois quilómetros que percorriam a pé,

¹²³ BRANDÃO, Francisco Azevedo, *O Culto a Nossa Senhora da Ajuda em Espinho*. Espinho: Boletim Cultural vol.V, 1983, p. 9.

tornavam-se ainda mais duros nos meses de inverno em virtude do mau estado dos caminhos. Eugénio Nunes, filho mais velho de uma família de Galegos que vivia na costa de Espinho e se dedicava à salga de peixe, mandou construir a primeira capela em honra de Nossa Senhora da Guia (figura 20). A primeira missa realizou-se no dia 22 de Fevereiro de 1809. Entre 1809 e 1846 embora não se saiba porquê, a capela passou a designar-se de Nossa Senhora da Ajuda. O culto manteve-se até 1883, sendo neste ano demolida para dar lugar a uma nova capela, de dimensões maiores.¹²⁴

A segunda capela em honra de Nossa Senhora da Ajuda (figura 21) começou a ser construída em 1867, tendo as imagens de Nossa Senhora da Ajuda, São Francisco e Santa Rita da antiga capela passado para a nova. Em 1886 é elevada a Igreja e em 1889 a matriz. Em 1906 foi destruída pelo mar.¹²⁵



Figura 21- Capela Nossa Senhora da Ajuda.
Fonte: <http://portal.cm-espinho.pt>

Ainda em 1883, ano de inauguração da capela anterior, foi contruída uma capela de Santa Maria Maior na atual rua 8, fruto da iniciativa de alguns banhistas mais abastados.

Em 1906 a segunda capela foi destruída, sendo mandada construída uma quarta capela que albergava a antiga figura de Nossa Senhora da Ajuda, esta também acabou por ser destruída

¹²⁴ BRANDÃO, Francisco Azevedo, *O Culto a Nossa Senhora da Ajuda em Espinho*. Espinho: Boletim Cultural vol.V, 1983, p. 15/16.

¹²⁵ BRANDÃO, Francisco Azevedo, *O Culto a Nossa Senhora da Ajuda...p. 16/19*.

pelas invasões do mar, passando a imagem para a capela de Santa Maria Maior, hoje conhecida por capela Nossa Senhora da Ajuda.¹²⁶



Figura 22- Igreja Matriz de Espinho.
Fonte:<http://sempaciencia.blogs.sapo.pt/1689.html>

Mais recentemente, em 1902 começaram as obras para a construção da Igreja Matriz de Espinho, que tem como santa padroeira Nossa Senhora da Ajuda e se mantém como matriz até aos nossos dias. Com projeto do arquiteto Adães Bermudes, segue uma linguagem neoromântica.¹²⁷ Os festejos a Nossa Senhora da Ajuda e Santa Rita foram iniciados pelos pescadores e realizados no mesmo dia passando, em 1877 a ser apenas em

honra de Nossa Senhora da Ajuda. Esta atraía milhares de turistas a Espinho, e por vezes os preços dos comboios baixavam nesses dias. Esta festa contava com batalhas de flores, touradas, procissões, atividades desportivas, entre outras.¹²⁸ Hoje ainda se realizam os festejos a Nossa Senhora da Ajuda em Espinho no terceiro domingo de Setembro.

Ao contrario dos dias de hoje em que a decoração dos barcos já nada tem a ver com a religião, durante muito tempo a imagem de Nossa Senhora da Ajuda, foi frequentemente nas proas dos barcos da *Xávega* em Espinho.

Param além da Nossa Senhora da Ajuda os pescadores são também devotos a São Pedro e Nossa Senhora do Mar.

A capela de São Pedro, padroeiro dos pescadores, foi construída em 1940, com projeto do arquiteto Jerónimo Reis, na zona piscatória de Espinho, junto à antiga fábrica de conservas. Em 1983 foram feitas obras de restauro, alargando-se o templo.¹²⁹ Comemorados desde 1917, os festejos de São Pedro realizam-se em Junho sendo a procissão no dia 29 do mesmo mês.

¹²⁶ BRANDÃO, Francisco Azevedo, *O Culto a Nossa Senhora da Ajuda em Espinho*. Espinho: Boletim Cultural vol.V, 1983, p. 22.

¹²⁷ ARAÚJO, António José Lopes, *Influencia do Mar na Morfologia Urbana de Espinho*. Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2013, p. 23.

¹²⁸ BRANDÃO, Francisco Azevedo, *O Culto a Nossa Senhora da Ajuda...* p. 27.

¹²⁹ QUINTA, João, *Espinho*. Espinho: Edição João Quinta, 1999, p. 129/130.

Quanto à Nossa Senhora do Mar, o seu culto começou em 1950 com a construção da capela no bairro piscatório, tornando-se a santa padroeira do bairro piscatório. A primeira festa foi realizada pela Comissão de Bairristas de Silvalde. A data destas festas variava entre o mês de agosto e outubro, embora tenha sofrido algumas interrupções no decorrer dos anos.

2.9. *Arte Xávega* em Espinho na atualidade

Este tópico é dedicado às companhias que ainda se encontram a laborar nas praias de Espinho. A informação foi conseguida através de entrevistas realizadas aos proprietários de cada uma das companhias.

Hoje em dia operam nas praias de Espinho apenas quatro companhias de *Arte Xávega*, denominadas: *Mar de Esmoriz*, *Nelson e Sérgio*, *Viking* e *Vamos Andando*. Destas quatro companhias três operam na praia de Silvalde, em frente ao museu Municipal de Espinho e apenas uma delas opera na praia de Paramos.

Através das entrevistas verifica-se que três das companhias têm donos com idades entre os 54 e os 66 e apenas com a 4ª classe de escolaridade, tendo apenas uma, patrões mais jovens e com um grau de escolaridade superior.

Nome da Companhia	Nome do Patrão	Tempo que se encontra a frente da companhia
Nelson e Sérgio	Adelino Ribeiro	15 anos
Mar de Esmoriz	Telmo Zarais	37 anos
Viking	Azevedo	
Vamos Andando	José Barros	14 anos

Tabela 6- Companhas de Espinho, nomes, nomes dos donos e anos a que se encontram a trabalhar na área.

Em todas as companhias, os patrões continuam na liderança destas por gosto e pela tradição. Apenas os patrões da companhia Viking e da companhia Nelson e Sérgio tem outros empregos para além da *Xávega*.

Verificamos que nas companhias Nelson e Sérgio e Mar de Esmoriz, por ano trabalham cerca de 18 a 20 homens, na Vamos Andando cerca de 10 e na Viking 17 a 18. Relativamente

à presença feminina, apenas a companhia Vamos Andando não conta com nenhuma mulher, tendo a Mar de Esmoriz pelo menos duas e as restantes, uma. O trabalho das mulheres na companhia Mar de Esmoriz é tratar da comercialização do peixe, estas separam e vendem, nas restantes para além da venda, também arrumam os armazéns e as cordas e lavam os cabazes.

Quanto ao lucro das companhias, as respostas são vagas: ou porque não é possível fazer uma estimativa, visto que varia muito com a quantidade de peixe capturado; ou pelo contrario, mas ainda de forma evasiva refere-se que o lucro “não é mau...” (Mar de Esmoriz). Também não é possível saber quanto ganha um pescador mensalmente sendo que em todas as companhias a percentagem é de 60% para os pescadores e 40% para os patrões. Refira-se todavia que há meses que ganham mais e meses em que não ganham nada.

Relativamente às redes, a companhia Mar de Esmoriz e a Vamos Andando fazem as redes à mão, ao passo que as restantes companhias adquirem-nas em Espanha. O valor das redes oscila entre os 7 e os 11 mil euros. Quanto aos barcos, são mandados fazer em Pardilhó, rondando o seu custo os 11 e os 16 mil euros.

As quatro companhias concordam que hoje em dia ainda existe a tripulação de terra e a tripulação de mar, contudo, os pescadores fazem de tudo, não se verificando já a antiga especialização de tarefas.

A comercialização do peixe é feita através do leilão às pessoas que se encontram na praia, inclusive às varinas que depois o vendem junto à praia ou de forma ambulante, percorrendo as principais ruas da cidade com os seus carrinhos. Algumas destas varinas têm acordos com os restaurantes de Espinho. A companhia Mar de Esmoriz, apesar de trabalhar numa praia à parte, depois de terminar a pesca deslocam-se em carrinhas e vendem o peixe na praia de Silvalde, juntamente com as outras. A diferença é que esta companhia não vende o peixe às varinas, tem as suas próprias varinas que tratam da comercialização diretamente ao consumidor.

Interrogadas sobre o papel da autarquia local, todas as companhias concordam que a Câmara Municipal de Espinho procura impulsionar a *Arte Xávega* pois ainda que não seja muito lucrativa, emprega um número muito razoável de trabalhadores. Todos os patrões

afirmam que a *Xávega* tem um grande interesse turístico, tendo essencialmente nos meses de verão uma quantidade significativa de turistas a observar o arrasto e a chegada dos barcos.

Capítulo III

Como se pode deduzir do capítulo anterior a *Arte Xávega* é importante para parte da população Espinhense, que dela depende para seu sustento.

Sabemos também que a origem da cidade de Espinho está intimamente ligada à *Arte Xávega* e que esta se encontra enraizada no espírito, no carácter, na cultura e na economia da população Espinhense.

Contudo, vemos que parte da comunidade piscatória para além de depender da *Arte Xávega* para a sua sobrevivência, tem uma grande paixão por esta *Arte*, querendo que esta herança se mantenha viva e incentivando as gerações mais novas a aprenderem como funciona a pesca artesanal, para que esta continue a fazer parte da identidade do concelho de Espinho e da sustentabilidade da vida dos pescadores, continuando a ser um fator de desenvolvimento local. Por tudo isto, e para que a *Arte* seja salvaguardada, o concelho pretende candidatar esta *Arte* ao Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial.

1. Património Cultural Imaterial: PCI

“O PCI significa as práticas, as representações, as expressões, o conhecimento, as competências, assim como os instrumentos, os objetos, os artefactos e os espaços sociais associados que as comunidades, os grupos e, nalguns casos, os indivíduos reconhecem como parte do seu património cultural. Este PCI, transmitido de geração em geração, é constantemente referido pelas comunidades e pelos grupos em resposta ao seu ambiente, à sua interação com a natureza e à sua história, e fornece-lhes um sentido de identidade e continuidade, assim promovendo o respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana.”¹³⁰

Segundo a UNESCO o PCI abrange as tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor do património cultural imaterial; as artes do espetáculo; as práticas

¹³⁰ Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, UNESCO, 2003.

socias, rituais e acontecimentos festivos; os conhecimentos e práticas que dizem respeito à natureza e ao universo; e o saber-fazer ligado ao artesanato.

Principalmente a partir de finais do século XVIII, começou a valorizar-se as designadas culturas populares e certas artes consideradas culturalmente identitárias de certas regiões. Desde então, esta *Arte* passou a ser valorizada, sendo defendida por intelectuais que defendiam que estas culturas deveriam ser preservadas.¹³¹

A UNESCO também tem vindo a valorizar e desenvolver o PCI, alertando os governos e as populações para a importância deste património e incentivando a preservação do mesmo.¹³² Esta defende a salvaguarda do património com “medidas que visam assegurar a viabilidade do património cultural imaterial, incluindo a identificação, a documentação a pesquisa, a preservação, a proteção, a promoção, a valorização, a transmissão, essencialmente através da educação formal e não formal, e ainda a revitalização dos diferentes aspetos desse património”.¹³³

2. Identidade Cultural

A identidade e o património são dois conceitos que andam de mãos dadas, sendo que muitas vezes a identidade de um povo está relacionada com um feito histórico ou marcos patrimoniais, quer materiais quer imateriais.¹³⁴ O património é uma construção social. O que é ou não património está dependente do que para um coletivo humano, num período de tempo, é merecedor de ser passado às gerações futuras. “O património cultural compreenderá então todos aqueles elementos que fundam a identidade de um grupo e que o diferenciam dos demais”.¹³⁵

¹³¹ ROCHA, Gilmar, *Cultura Popular: do Folclore ao Património*. Artigos, 2009, p. 218.

¹³² AGUINAGA, Karyn Ferreira Souza, *A Proteção do Património Cultural Imaterial e os Conhecimentos Tradicionais*.

¹³³ LEAL, João, *O Património Imaterial e a Antropologia Portuguesa: uma Perspetiva Histórica*, in *Museus e Património Imaterial- Agentes, Fronteiras e Identidades*. Lisboa: Universidade Nova, 2009, p. 289.

¹³⁴ FARIA, Margarida Lima; ALMEIDA, Renata, *A Problemática da “Identidade” e o Lugar do “Património” num Mundo Crescentemente Cosmopolita*. Comunicação e Cultura, 2006, p. 124/125.

¹³⁵ PERALTA, Elsa, *Património e identidade. Os Desafios do Turismo Cultural*. Lisboa: Universidade Técnica, 2000, p. 218/219.

“Identidade cultural é o conjunto das características de um povo, oriundas da interação dos membros da sociedade e da forma de interagir com o mundo. Identidade cultural são as tradições, a cultura, a religião, a música, a culinária, o modo de vestir, de falar, entre outros, que representam os hábitos de uma nação.”¹³⁶

Hoje em dia ouvimos falar constantemente do património como algo positivo e da necessidade da sua preservação. Há autores que afirmam que o património faz reviver o passado e tem como objetivo a memória identitária.¹³⁷

Peralta e Anico concordam que património e identidade são dois conceitos que estão ligados, sendo “a identidade como a “essência” de um determinado coletivo humano; o património como a sua manifestação “natural”, que sobrevive ao decurso do tempo e que é preciso resgatar e preservar a todo o custo”.¹³⁸ Por este motivo, vêem o património como “bom” e é necessário preservá-lo porque se não o fizermos vamos perdê-lo e perder a identidade de um determinado povo. Cada vez mais assiste-se a uma grande necessidade de salvaguardar as identidades locais, preservando o património tanto material como imaterial, sendo este uma “ herança cultural coletiva da humanidade”.¹³⁹ Ao falarmos de património estamos inconscientemente a remeter para a questão da “memória do passado que permite a consciência do presente e projeta o futuro de uma determinada sociedade”.¹⁴⁰ Sabe-se que o património nos remete à memória de um passado que leva a um sentimento de pertença e identidade,¹⁴¹ e cada vez mais a população tem a ideia de que o património tem de ser valorizado e salvaguardado para podermos construir uma memória e identidade cultural, por estes motivos, surgiram organizações como por exemplo a UNESCO e o Conselho Internacional dos Museus que visam a preservação e divulgação deste.¹⁴² A identidade é vista

¹³⁶ <http://www.significados.com.br/identidade/>

¹³⁷ CABRAL, Clara Bertrand, *Património Cultural Imaterial. Convenção da UNESCO e seus Cotextos*. Arte e Comunicação, 2011, p. 27.

¹³⁸ PERALTA, Elsa; ANICO, Marta, *Patrimónios e Identidades- Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora, 2006, p. 1.

¹³⁹ PERALTA, Elsa; ANICO, Marta, *Patrimónios e Identidades...* p. 1.

¹⁴⁰ MAGALHÃES, Fernando, *Museus Património e Identidades. Ritualidade, Educação, Conservação, Pesquisa, Exposição*. Porto: Profedições, 2005, p. 22.

¹⁴¹ MAGALHÃES, Fernando, *Museus Património...* p. 22.

¹⁴² MAGALHÃES, Fernando, *Museus Património...* p. 23.

como uma construção cultural, e o património é “apropriado e reapropriado pelos indivíduos para objetivar a sua identidade.”¹⁴³

2.1. Valor de uso e valor simbólico

O valor de uso de um objeto diz respeito à capacidade desse objeto de satisfazer uma ou várias necessidades, ao seu valor à sua serventia.

Assim sendo a *Arte Xávega*, embora esteja fora dos circuitos comerciais enquanto tal, indiretamente gera um valor de uso concreto realizado com a venda do pescado. É inquestionável que o valor simbólico da *Arte Xávega* supera, largamente, o valor de uso, sendo o valor simbólico o valor que os objetos patrimonializados possuem.¹⁴⁴

A representação identitária dos objetos avaliada pela capacidade destes de despertarem sentimentos de pertença e de inserção num grupo, correspondendo o valor patrimonializado, ao valor simbólico atribuído, sendo este um valor subjetivo.¹⁴⁵

Depende, portanto, de quem faz a avaliação e da época em que é feita.

3. Arte xávega e o Turismo

O património quer material quer imaterial transformou-se numa componente fundamental da indústria do turismo tendo esta uma grande importância económica e social. O turismo é, um fator positivo, visto que muitas das vezes a preservação do património não pode ser garantida exclusivamente pelos poderes locais. Contudo, antes de ser um fator turistificado, o património pertence aos povos que lhe atribuem valor.¹⁴⁶ O turismo deveria usar o património numa “perspetiva de desenvolvimento durável, assente em critérios de qualidade, para que os seus benefícios resultem numa efetiva melhoria da qualidade de vida

¹⁴³ MAGALHÃES, Fernando, *Museus Património e Identidades. Ritualidade, Educação, Conservação, Pesquisa, Exposição*. Porto: Profedições, 2005, p. 29/30.

¹⁴⁴ RODRIGUES, Hélia Carla Amado, *Arte Xávega na Comunidade da Praia de Vieira de Leiria: a sua Patrimonialização*. Lisboa: Instituto Universitário, 2013, p. 32.

¹⁴⁵ RODRIGUES, Hélia Carla Amado, *Arte Xávega na...* p. 33.

¹⁴⁶ PERALTA, Elsa, *Património e identidade. Os Desafios do Turismo Cultural*. Lisboa: Universidade Tecnica, 2000, p. 220/221.

dos cidadãos”¹⁴⁷ Por este motivo, a interação das pessoas com o património deve ser desenvolvida a nível local com a integração dos agentes culturais. O turismo deve permitir a investigação, a conservação, a salvaguarda dos recursos patrimoniais para que estes possam ser passados às gerações futuras.¹⁴⁸

O patrão da companhia Viking defende que a câmara deveria construir balneários junto da praia de Silvalde para que os turistas pudessem não só observar mas experienciar a *Xávega*, podendo ir ao mar no barco com os pescadores, ajudar na alagem das redes e no final tomar um duche nos balneários para depois almoçar num dos restaurantes junto á costa o peixe que ajudou a pescar.

É notório o interesse dos turistas na *Arte Xávega*. Principalmente entre junho e setembro podemos observar um grande número de turistas a assistirem ao trabalho das companhias. No entanto a contribuição direta do turista nesta *Arte* é quase insignificante, limitando-se a comprarem, por vezes, algum peixe às varinas. Contribuindo essencialmente para o desenvolvimento local do concelho, alojando-se em estabelecimentos hoteleiros da cidade e frequentando os bares e restaurantes da mesma.

Em relação à *Xávega*, estes apenas são espectadores que gostam de assistir a toda aquela azáfama, desde a entrada no mar até à venda do peixe em leilão.

O leilão é o momento mais espetacular da faina, devido à atuação quase cénica dos pescadores através de pregões e gestos ritualizados.

A *Xávega*, poderia tornar-se um produto turístico que permitisse uma maior participação dos espectadores/viajantes. Hoje em dia o turista está cada vez mais exigente, procura experiencias diferentes e cada vez mais diversificadas não se importando de pagar para delas usufruir. Este tipo de turismo ativo está cada vez mais em voga e como exemplo temos a cultura da vindima no rio Douro, onde cada vez existe uma maior procura por parte dos turistas que pagam para experienciar essa vivência. Penso que este tipo de trabalho poderia ser adaptado à *Xávega*, podendo assim aumentar ainda mais o número de visitantes, acabando por contribuir mais para o desenvolvimento local do próprio concelho.

¹⁴⁷ PERALTA, Elsa, *Património e identidade. Os Desafios do Turismo Cultural*. Lisboa: Universidade Tecnica, 2000, p. 221.

¹⁴⁸ PERALTA, Elsa, *Património e identidade...* p. 222.

Todavia, pese a ação positiva do turismo na *Xávega*, tem de ser equacionado um lado eventualmente negativo, correndo-se o risco da artificialização e esvaziamento do sentido real, visto que os pescadores não são atores e a *Arte* não é para eles um palco mas sim o seu sustento diário.

4. Estágio

No âmbito do segundo ano do mestrado de História da Arte, Património e Turismo Cultural, a minha escolha foi a realização de um relatório de estágio com base num estágio de 392 horas, com início em finais de setembro de 2014 e fim em janeiro de 2015, na divisão da cultura da Câmara Municipal de Espinho.

O estágio foi dividido em três partes distintas, sendo que a primeira esteve relacionada com a candidatura da *Arte Xávega* em Espinho à lista de Património Cultural Imaterial, onde beneficiei da ajuda do meu orientador de estágio, Doutor Armando Bouçon, no trabalho da realização da candidatura.

Nesta fase realizei uma vasta pesquisa sobre a *Arte Xávega*; a sua história e a importância para o concelho; também sobre Espinho e os seus primórdios, de modo a coligir o máximo de informação para conseguir assim realizar os vários tópicos da candidatura; também fiz entrevistas com os proprietários da companhia Viking, que muito amavelmente se mostraram dispostos a cooperar fornecendo-me a informação de que necessitava.

Na segunda fase do estágio, de forma algo lateral ao tema mas aproveitando a exposição comemorativa dos 100 anos do Sporting Club de Espinho no museu onde o estágio decorria, foi-me permitido participar na montagem da exposição para a qual executei as legendas das peças.

Na terceira e última parte do estágio, ajudei na organização e montagem de uma série de painéis de azulejos provindos de edifícios antigos da cidade, que o museu possui. Estes azulejos estão a ser agrupados e tratados para mais tarde serem expostos numa pequena exposição temporária que terá por tema os azulejos das fachadas das antigas casas de Espinho.

Conclusão

A escolha por exercer um estágio curricular no âmbito do Mestrado de História da Arte, Património e Turismo Cultural, levou à realização deste relatório relacionado com a patrimonialização da *Arte Xávega* em Espinho.

Não sendo um tema que dominasse, procurei adquirir o máximo de informação para uma maior compreensão do que é a *Arte Xávega*, da sua importância no concelho e quais os motivos para esta patrimonialização.

Após a pesquisa e principalmente o contacto com os proprietários das quatro companhias existentes, penso que candidatar esta *Arte* a património imaterial faz todo o sentido, não só por ter sido em torno deste aglomerado de pescadores que o concelho de Espinho surgiu, como também pela importância que ainda hoje tem para a cidade a nível social, cultural e económico.

Foi devido à *Arte Xávega* que surgiram os povoados junto ao mar, deste modo, esta *Arte* está enraizada no concelho desde sempre. Podemos dizer que faz parte da identidade do concelho e de uma parte importante da sua população.

Para além do papel da *Arte* como identidade, temos ainda a importância desta devido ao número de trabalhadores que ainda emprega, ficando estes sem qualquer sustento se esta acabar. Apesar de não ser um trabalho muito compensatória a nível monetário, a *Arte Xávega* ainda é a fonte de sustento de várias famílias, necessitando estas dela.

Relativamente a possibilidade de continuação, os homens da *Xávega* lutam contra a legislação que compromete a sua continuidade, tentando obter condições para a sua preservação.

A nível turístico, esta prática pode ser um bom impulsionador do concelho, já que este apenas aposta no turismo balnear que, sem grande esforço complementa a oferta de sol e praia já consolidada. Esta pode ser não só diferenciadora como uma fonte adicional de rendimento proveniente do turismo, podendo fomentar o desenvolvimento local e ser visto como o principal fator da identidade local já que é fonte de grande interesse por parte dos turistas e da própria população, que também gosta de ir ver o “espetáculo” da safra.

Para além disto, a *Arte Xávega*, pode ser um símbolo do concelho e da praia de Espinho estando na origem de várias festividades, sendo elemento fundamental do desenvolvimento do artesanato.

Visto que a *Xávega* passa uma imagem positiva do concelho é necessária a sua valorização, primeiramente por parte da autarquia e da população residente e de seguida a sua salvaguarda de modo a expor o seu valor cultural e a sua importância para o concelho.

Bibliografia

- AGUINAGA, Karyn Ferreira Souza, *A Proteção do Património Cultural Imaterial e os Conhecimentos Tradicionais*, (s.d.).
- ALVES, Luís Diamantino, *Sinistralidade na Pesca Local na Região do Grande Porto*. Porto: Faculdade de Engenharia, 2012.
- AMORIM, Aires de, *Da Arte Xávega de Espinho a Ovar*. Ovar: Câmara Municipal, 1999.
- ANTUNES, Mariana, *Caracterização das Pesca com Arte Xávega na Zona Costeira Adjacente ao estuário do Tejo*. Lisboa: Faculdade de Ciências Departamento de Biologia Animal, 2007.
- ARANTES, António, *O Património Imaterial e a Sustentabilidade da sua Salvaguarda*. Artigos e Ensaios, 2004.
- ARAÚJO, António José Lopes, *Influência do Mar na Morfologia Urbana de Espinho*. Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2013.
- BRANDÃO, Raul, *Os Pescadores*. Aveiro: Estante Editora, 2010.
- BOUÇON, Armando; RIBEIRO, Liliana, *A Arte da Xávega em Espinho*, Espinho: Centro Multimeios de Espinho, (s.d.).
- CABRAL, Clara Bertrand, *Património Cultural Imaterial. Convenção da UNESCO e seus Cotextos*. Arte e Comunicação, 2011.
- CALOR, Inês Alhandra, *Técnicas Construtivas da Avieiras- Tradição e Inovação no Sistema Palafítico*. Arquitetos sem Fronteiras de Portugal, (s.d.).
- Carta Educativa de Espinho. Espinho, Camara Municipal. 2007.
- Comissão de Acompanhamento da Pesca com Arte-Xávega, *Relatório de Caracterização da Pesca com Arte-Xávega*, Direção Geral dos Recursos Naturais, Segurança e Serviços Marítimos, 2014.
- Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, UNESCO, 2003.

COSTA, Mariana Santos; AMORIM, Fernanda. *Diagnóstico Social do Concelho de Espinho*. Espinho: Câmara Municipal, 2013.

COSTA, Marli Lopes; CASTRO, Ricardo, *Património Imaterial Nacional: Preservando Memórias ou Construindo Histórias?* Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

COUTO, Hélder Fernando de Oliveira. *Turismo e Política de Turismo no Concelho de Espinho*. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2008.

DUARTE, Alice, *O Desafio de não Ficarmos pela Preservação do Património Cultural Imaterial*. Atas do I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola, Vol. 1, (s.d.).

FARIA, Margarida Lima; ALMEIDA Renata, *A Problemática da “Identidade” e o Lugar do “Património” num Mundo Crescentemente Cosmopolita*. Comunicação e Cultura, 2006.

Ficha informativa Nº 03- 2010, *Palheiros de Gândara e Palhotas do tejo “Habitar sob uma Segunda Pele”* Projeto de Candidatura da Cultura da Avieira a Património Nacional.

FIDALGO, Manuel, *A Arte Xávega- O Paradigma Ecológico | Trabalho | Técnicas de Navegação | Lanço*. Lisboa: INATEL, 2005.

FIDALGO, Manuel, *Arte Xávega- Sociedades | Comunidades | Famílias*. Lisboa: Fundação INATEL, 2009.

FIDALGO, Manuel, *O Barco da Xávega (Tecnologia da sua Construção)*. Lisboa: Edições Colibri e INATEL, 2000.

FREIRE, Beatriz Muniz, *O Inventário e o Registo do Património Imaterial: Novos Instrumentos de Preservação*, (s.d.).

GAIO, Carlos Morais, *A Génese de Espinho: Histórias e Postais*. Porto: Campo de Letras, 1999.

GASPAR, Pedro Lima; PALLA, João, *Construções Palafíticas da Bacia do Tejo- Levantamento e Diagnostico do Património Construído da Cultura da Avieira*, (s.d.).

Instituto Nacional de Estatística, *Estatística da Pesca 2011*. Edição 2012.

LEAL, João, *O Património Imaterial e a Antropologia Portuguesa: uma Perspetiva Histórica*, in *Museus e Património Imaterial- Agentes, Fronteiras e Identidades*. Lisboa: Universidade Nova, 2009.

LOPES, Helena; LOPES, Paulo Nuno, *A Safra*. Lisboa: Livros Horizonte, 1995.

MAGALHÃES, Fernando, *Museus Património e Identidades. Ritualidade, Educação, Conservação, Pesquisa, Exposição*. Porto: Profedições, 2005.

MARQUES, Maria João, *Arte Xávega em Portugal- Uma Arte Secular em Decadência- Organização, caracterização e Declínio*. Porto: Faculdade de Letras, 2010/2011.

NUNES, Francisco Oneto, *O Problema do Aleatório: Da Coerção dos Santos ao Idioma da Inveja* in *Etnografia*, Vol. II, 1999.

PERALTA, Elsa, ANICO, Marta, *Patrimónios e Identidades- Ficções Contemporâneas*. Oeiras: Celta Editora, 2006.

PERALTA, Elsa, *O Mar por Tradição: o Património e a Construção das Imagens do Turismo*. Lisboa: Universidade Técnica, 2003.

PERALTA, Elsa, *Património e identidade. Os Desafios do Turismo Cultural*. Lisboa: Universidade Tecnica, 2000.

PEREIRA, Álvaro, *Espinho Monografia*. Espinho: Edição do Autor, 1970.

PINTO, Alberto, GAIO, Carlos Morais, *Espinho- Memórias do Tempo*. Espinho: Edição Maré Viva, 2000.

QUINTA, João, *Espinho*. Espinho: Edição João Quinta, 1999.

RAMOS, Rui Jorge Garcia; SILVA, Patrícia Gaspar, *Comunidades Piscatórias: do Legado da Arquitetura Popular às Estratégias Habitacionais do Estado Novo*. Porto: Faculdade de Arquitetura, 2013.

RIBEIRO, Armando Bouçon, *O Caminho-de-ferro e o Nascimento de uma Clónia Balnear Espanhola em Espinho (1889-1915)*. IV Congresso de Historia Ferroviária. Espinho: Camara Municipal, 2006.

ROCHA, Gilmar, *Cultura Popular: do Folclore ao Património*. Artigos, 2009.

RODRIGUES, Hélia Carla Amado, *Arte Xávega na Comunidade da Praia de Vieira de Leiria: a sua Patrimonialização*. Lisboa: Instituto Universitário, 2013.

SILVA, Mónica; MENDONÇA, Paulo, *Reabilitação de Casa Tradicionais em Madeira do Litoral Norte e Centro de Portugal*. 1º Congresso Ibero-Latino Americano de Madeira na Construção. Coimbra, 2011.

SOUTO, Henrique, *Comunidades de Pesca artesanal em Portugal*. Academia da Marinha, 2003.

TAMASO, Isabela, *A Expansão do Património: Novos Olhares Sobre Velhos Objetos, Outros Desafios...* Brasília: Serie Antropologia, 2006.

TEIXEIRA, Ana Isabel Correia, *As Companhas de Pesca da Costa de Mira nas Primeiras Décadas do Século XIX (1820-1830)*. Porto: Faculdade de Letras, 2011.

VIANNA, Letícia; TEIXEIRA, João Gabriel, *Património Imaterial, Performance e Identidade*.

Consultas em linha:

Direção geral dos recursos naturais, segurança e serviços marítimos. http://www.dgrm.min-agricultura.pt/xportal/xmain?xpid=dgrm&xpgid=genericPageV2&conteudoDetalhe_v2=172848 [acedido em 26/11/2014].

<http://www.prof2000.pt/users/avcultur/Gasparalbino/xavega01.htm> [acedido em 18/02/2015].

Palheiros- <http://amateriadotempo.blogspot.pt/2007/04/palheiros.html> [acedido em 04/03/2015].

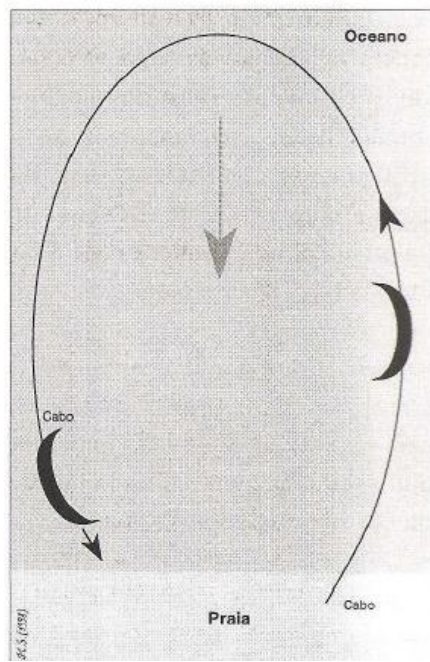
<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/> [acedido em 23/06/2015].

<http://www.significados.com.br/identidade/> [acedido em 23/06/2015].

<http://www.significados.com.br/identidade/> [acedido em 29/06/2015].

ANEXOS

A Arte Xávega em Espinho: Notas para a Compreensão
da Arte Xávega a Património Imaterial



Anexo 1-Anexo 1- Esquema da deslocação do barco e utilização das redes. Fonte:
MARQUES, Maria João, *Arte Xávega em Portugal- Uma Arte Secular em Decadência- Organização, caracterização e Declínio*.
Porto: Faculdade de Letras, 2010/2011.



Anexo 2- Avental da Varina de Domingo,
Museu Municipal de Espinho.
Fonte: Fotografia do próprio autor.

Anexo 3-Avental de Trabalho da Varina, Museu
Municipal de Espinho.
Fonte: Fotografia do próprio autor.



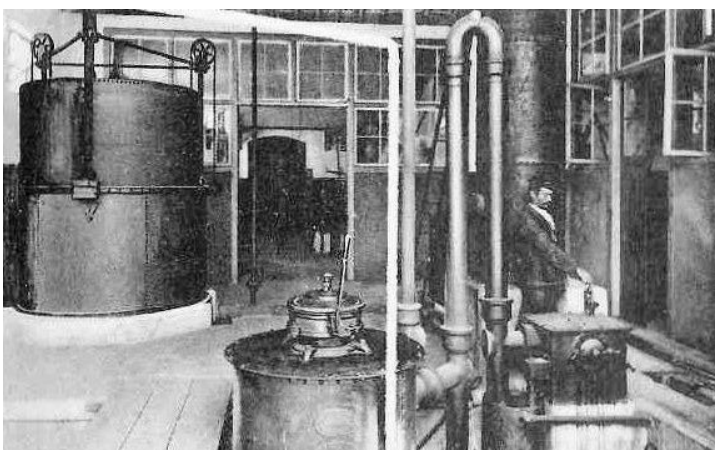
A *Arte Xávega* em Espinho: Notas para a Compreensão
da *Arte Xávega* a Património Imaterial



Anexo 4-Lenço e Terço da Varina, Museu Municipal de Espinho.
Fonte: Fotografia do próprio autor.



Anexo 5- Fábrica de Conservas Brandão Gomes.
Fonte: <http://lh6.ggpht.com>

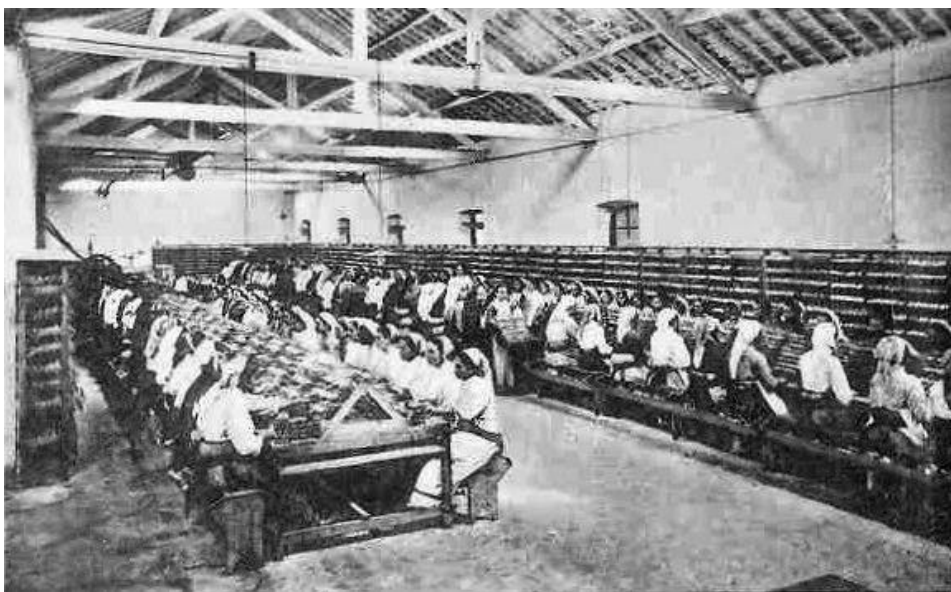


Anexo 6- Fábrica de Conservas Brandão Gomes.
Fonte: <http://lh6.ggpht.com>

A *Arte Xávega* em Espinho: Notas para a Compreensão
da *Arte Xávega* a Património Imaterial



Anexo 7- Fábrica de Conservas Brandão Gomes.
Fonte: <http://lh3.ggpht.com>



Anexo 8- Fábrica de Conservas Brandão Gomes.
Fonte: <http://lh4.ggpht.com>

A *Arte Xávega* em Espinho: Notas para a Compreensão
da *Arte Xávega* a Património Imaterial



Anexo 9- Vestes das Crianças, Museu Municipal de Espinho.

Fonte: Fotografia do próprio autor.



Formas Técnicas da Composição Exterior e Interior do Barco Xávega:

- | | |
|--------------------|-------------------------|
| 1. Gurfões | 8. Tarna |
| 2. Castelo de Proa | 9. Escalamão |
| 3. Arco de Proa | 10. Descanso da Forcada |
| 4. Remo do Maião | 11. Armelas de Ré |
| 5. Remo da Ré | 12. Abraçadeiras de Ré |
| 6. Cano do Remo | 13. Bordões |
| 7. Cágado | 14. Corda da Boça |

Anexo 10- Barco da *Xávega* e Legenda, Museu Municipal de Espinho.
Fonte: Fotografia do próprio autor.

A Arte Xávega em Espinho: Notas para a Compreensão
da Arte Xávega a Património Imaterial

Anexo 11-Barco da Xávega, Museu
Municipal de Espinho.
Fonte: Fotografia do próprio autor.



Anexo 12- Barco a Sair do Mar.
Fonte: Fotografia do arquivo do Museu
Municipal de Espinho.

Anexo 13- Alagem das Redes com Bois.
Fonte: Fotografia do arquivo do Museu
Municipal de Espinho.



A *Arte Xávega* em Espinho: Notas para a Compreensão
da *Arte Xávega* a Património Imaterial



Anexo 14- Alagem das redes com Bois.
Fonte: Fotografia do arquivo do Museu Municipal de Espinho.



Anexo 15- Alagem das Redes.
Fonte: Fotografia do arquivo do Museu Municipal de Espinho.

A *Arte Xávega* em Espinho: Notas para a Compreensão
da *Arte Xávega* a Património Imaterial



Anexo 16- Pescadores a Cozer a Rede.
Fonte: Fotografia do arquivo do Museu Municipal de Espinho.



Anexo 17- Varinas a Escolher o Peixe.
Fonte: Fotografia do arquivo do Museu Municipal de Espinho.

A *Arte Xávega* em Espinho: Notas para a Compreensão
da *Arte Xávega* a Património Imaterial



Anexo 18- Caixas de peixe.
Fonte: Fotografia do próprio autor.



Anexo 19. Barcos da Xávega, praia de Espinho.
Fonte: Fotografia do próprio autor.



Anexo 20- Trabalhadores da Xávega, Espinho.
Fonte: Fotografia do próprio autor.



Anexo 21-Trabalhadores da Xávega, Espinho.
Fonte: Fotografia do próprio autor.

A Arte Xávega em Espinho: Notas para a Compreensão
da Arte Xávega a Património Imaterial



Anexo 22- Mulheres a trabalhar na Xávega, Espinho.
Fonte: Fotografia do próprio autor.



Anexo 23- Tratares a fazerem a alagem das redes, Espinho.
Fonte: Fotografia do próprio autor.

A *Arte Xávega* em Espinho: Notas para a Compreensão
da *Arte Xávega* a Património Imaterial



Anexo 24- Rede a sair do mar.
Fonte: Fotografia do próprio autor.



Anexo 25- Colocar peixe nas caixas.
Fonte: Fotografia do próprio autor.

A *Arte Xávega* em Espinho: Notas para a Compreensão
da *Arte Xávega* a Património Imaterial



Anexo 26- Leilão do peixe.
Fonte: Fotografia do próprio autor.

Inquérito feito aos patrões das companhas

Nome: _____

Idade: _____

Escolaridade: _____

Companha: _____

1. Há quanto tempo está à frente da companha? Como e porque decidiu ficar com ela?

2. Como são cotratados os pescadores? Que vínculo tem com a companha? _____

3. O que é ser patrão de uma companha? _____

4. Quantos pescadores pertencem à companha? Existem mulheres? Se sim qual o papel delas? _____

5. Cada pescador tem uma tarefa específica? _____

6. Existe distinção entre a tripulação de terra e de mar? _____

7. O lucro da companha é compensatório? _____

8. A camara incentiva a arte xávega? Sim Não

Se sim
como? _____

9. A arte xávega contribui para o desenvolvimento local de Espinho? Porquê? _____

10. Onde são feitas as redes? Por quanto fica mandar fazer uma rede? _____

11. Onde mandou fazer o barco? Quanto ficou? _____

12. Medidas do barco? _____

13. Como é feita a remuneração dos pescadores? _____

14. Rendimento medio mensal e cada pescador? _____

15. Rendimento medio mensal da companhia? _____

16. Valor medio mensal de despesas? _____

17. Existem apoios/subsídios para a arte xávega/ pescadores?Quais? _____

—

18. O que acham que deve ser feito para a preservação da arte xávega? _____
